

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Allan Kardec (Espírito)


(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO SEIS)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP

Novembro de 2009

ÍNDICE



A GÊNESE.....	03
A PRECE	05
REVISTA ESPÍRITA 1869 – maio	19
REVISTA ESPÍRITA 1869 – junho.....	22
REVISTA ESPÍRITA 1869 – setembro.....	24
REVISTA ESPÍRITA 1869 – novembro.....	26
OBRAS PÓSTUMAS.....	28
REVISTA ESPÍRITA 1869 – dezembro.....	32
ROMA E O EVANGELHO.....	34
DO PAÍS DA LUZ VOLUME II	40
O GÊNIO CÉLTICO E O MUNDO INVISÍVEL.....	42
ALLAN KARDEC VOL III.....	65
DIÁRIO DOS INVISÍVEIS.....	67
A GÊNESE.....	69

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução

.....Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda a ideia de misticismo, fazem objeto do primeiro capítulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita. Pedimos séria atenção para este ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão.

Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo o princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é o que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem a sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.

O Livro dos Espíritos só teve considerado o seu crédito, por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou o seu primeiro período decenal. Nesse intervalo, os princípios fundamentais; cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto, de todas as ideias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Este o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos escrúpulos havendo presidido a redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que

podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas.

Aliás, os leitores assíduos da Revue não tido ensejo de notar, sem dúvida, em forma de esboços a maioria das ideias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às anteriores. A Revue, muita vez, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina.

A PRECE SEGUNDO O EVANGELHO

ALLAN KARDEC

INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL

I - EXORTAÇÃO AO ESTUDO, A CARIDADE E A UNIFICAÇÃO

Paz e amor convosco.

Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da fraternidade, estudar essa doutrina de paz e de amor, de justiça e de esperanças, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura – o gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas humildes.

Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, devo pedir a todos vós que me ouvis – a todos vós espíritas a quem falo neste momento – que me perdoeis se porventura, na exteriorização dos meus pensamentos, encontrardes alguma coisa que vos magoe, algum espinho que vos vá ferir a sensibilidade do coração.

O cumprimento do dever nos impõe usemos de linguagem franca, rude mesmo. Por isso que cada um de nós terá uma responsabilidade individual e coletiva e, para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos, muitas vezes, com a pobreza da nossa inteligência, que não nos permite dizer aquilo que sentimos sem magoar, não raro, corações amigos, para os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.

Certo de que ouvireis a minha suplica; certo de que, falando aos espíritas, falo a uma agremiação de homens cheios de benevolência, encetei o meu pequeno trabalho, cujo único fim é desobrigar-me de graves compromissos que tomei para com o nosso Criador e Pai!

Sempre compassivo e bom, voltando os piedosos olhos à Humanidade escrava dos erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade as palavras do Cristo, e manda o Consolador – O Espírito de Verdade - que abertamente fale da revelação messiânica a essa mesma Humanidade esquecida daquele que foi levado pelas ruas da amargura, sob o peso das iniquidades e das ingratidões dos homens!

Corridos os séculos, desenvolvido intelectualmente o espírito humano, Deus, na sua sabedoria, achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho – precioso livro de verdades divinas – até então ensombrado pela letra, devido a deficiência da percepção humana para compreendê-lo em espírito.

Por toda a parte se fez luz; revelou-se à Humanidade o Consolador prometido, recebendo os povos – de acordo com o seu preparo moral e intelectual – missões importantes, tendentes a acelerar a marcha triunfante da Boa-Nova!

Todos foram chamados: a nenhum recesso da Terra deixou de apresentar-se o Consolador em nome desse Deus de misericórdia, que não quer a morte do pecador – nem o extermínio dos ingratos – e sim os deseja ver remidos dos desvários da carne, da obcecação dos instintos.

Sendo assim, a esse pedaço de terra, a que chamais Brasil, foi dada também a Revelação da Revelação, firmando os vossos Espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.

Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana, levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela – *Deus, Cristo e Caridade*. Forte pela dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações, procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força dos leões e a mansidão dos pombos; onde, unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniquidades humanas; onde, enlaçados num único sentimento – o do amor – pudessem adorar o Pai em Espírito e Verdade; onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual viessem quebrar-se todas as armas dos inimigos da Luz; onde, finalmente, se pudesse formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a Humanidade inteira!

Constituiu-se esse agrupamento; a voz de Ismael foi sentida nos corações. Mas, à semelhança das sementes lançadas no pedregulho, elas não encontram terra boa para as suas raízes, e quando aquele anjo bom – aquele Enviado de Deus – julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo na sua grande tarefa, santa e boa, as sementes foram mirrando ao fogo das paixões, foram-se encravando na rocha, apesar de o orvalho da misericórdia divina as banhar constantemente para sua vivificação.

Ali, onde a humildade deveria ter erguido tenda, o orgulho levantou o seu reduto; ali, onde o amor devia alçar-se, sublime e esplêndido, até junto do Cristo, a indiferença cavou sulcos, à justiça se chamou injustiça, à fraternidade - dissensão!

Mas, pela ingratidão de uns, haveria de sacrificar-se a gratidão e a boa-vontade de outros?

Pelo orgulho dos que já se arvoraram em mestres na sua ignorância, havia de sacrificar-se a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!

Assim, quando os inimigos da Luz – quando o espírito das trevas julgava esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da trindade divina; quando a voz iníqua já reboava no Espaço, glorificando o reino das trevas e amaldiçoando o nome do Mártir do Calvário, ele recolheu o seu estandarte e fez que se levantasse pequena tenda de combate com o nome - *Fraternidade!*

Era este, com certeza, o ponto para o qual deviam convergir todas as forças dispersas – todos os que não recebiam a semente do pedregulho.

Certos de que *acaso* é palavra sem sentido, e testemunhas dos fatos que determinaram o levantamento dessa tenda, todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agruparem – ouvir a palavra sagrada do bom Guia Ismael – único que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta e único que tem a responsabilidade da sua marcha e desenvolvimento.

Mas, infelizmente, meus amigos, não pudestes compreender ainda a grande significação da palavra – *Fraternidade!*

Não é um termo, é um fato; não é uma palavra vazia, é um sentimento, sem o qual vos achareis sempre fracos para essa luta que vós mesmos não podeis medir, tal a sua extraordinária grandeza!

Ismael tem o seu Templo, e sobre ele a sua bandeira – *Deus, Cristo e Caridade!* Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos – todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram por verdadeira: chama-se *Fraternidade!*

Pergunto-vos: Pertenceis à *Fraternidade?* Trabalhai para o levantamento desse Templo cujo lema é: *Deus, Cristo e Caridade?*

Como, e de que modo?

Meus amigos! É possível que eu seja injusto para convosco naquilo que vou dizer: o vosso trabalho, feito todo de acordo – não com a Doutrina – mas com o que interessa exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilacerem vossas almas, dores pungentes aos vossos Espíritos, por isso que, desvirtuando os princípios em que ela assenta, dais entrada constante e funesta àquele que, encontrando-vos desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará com todo o peso da sua iniquidade.

Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivesseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos generais, cada qual com o seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes?

Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota, porquanto – vede bem –, o que não podeis fazer com o Evangelho: unir-vos pelo amor do bem, fazem os vossos inimigos, unindo-se pelo amor do mal!

Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a Doutrina Espírita – Revelação da Revelação – que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!

A luta cresce dia a dia, pois que a vontade de Deus, iniciando as suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais se torna patente. Encontrando-se, porém, os vossos Espíritos em face da Doutrina, no estado precário que acabo de assinalar, pergunto: – Com que elemento contam eles, os vossos Espíritos, na temerosa ação em que se vão empenhar, cheios de responsabilidade?

Em que canto da Terra já se ergue o grande tabernáculo onde ireis elevar os vossos pensamentos; em que canto da Terra construístes a grande muralha contra a qual se hão de quebrar as armas dos vossos adversários?

Será possível que, à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, todo o cuidado da vossa paz tendeis perdido? Que conteis com as outras, que não dormem e que ansiosamente aguardam a vinda do seu Senhor?

Mas, se e assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas a fim de tornar uma verdade a vossa vigilância e uma santidade a vossa oração?

Se assim é, onde os frutos desse labor fecundo de todos os dias, dos vossos amigos de além-túmulo?

Acaso apodreceram roídos pela traça – tocados pelo bolor os vossos arquivos repletos de comunicações?

Onde, torno a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se, tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multiplicais ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituísseis um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação?

Mas, onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a Doutrina e seu desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando já, desse modo, um péssimo exemplo aos profanos, por isso que pregais a fraternidade e vos dividis cheios de dissensões?

Onde as vantagens de tal proceder? Estarão na diversidade dos nomes que dais aos grupos? Por que isso? Será porque este ou aquele haja recebido maior doação do patrimônio divino? Será porque convenha a propaganda que fazeis?

Mas, para a propaganda, precisamos dos elementos constitutivos dela. Pergunto: – onde a escola dos médiuns? Existe?

Porventura os homens que tem a boa-vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seus Espíritos para o ressurgir da outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados – os médiuns perfeitamente

compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheios dessa seriedade, que dá uma idéia da grandeza da nossa Doutrina?

Ou a vossa propaganda se limita tão-somente a falar do Espiritismo? Ou os vossos deveres e as vossas responsabilidades individuais e coletivas se limitam a dar a nota do ridículo àqueles que vos observam julgando-vos doidos e visionários?

Meus amigos! Sei quanto é doloroso tudo isto que vos digo, pois que cada um dos meus pensamentos é uma dor que atinge profundamente o meu Espírito. Sei que as vossas consciências sentem perfeitamente todo o peso das verdades que vos exponho. Mas, eu vos disse ao começar: – temos responsabilidades e compromissos tomados, dos quais procuramos desobrigar-nos por todos os meios ao nosso alcance!

Se completa não está a minha missão na Terra; se mereço ainda do Senhor a graça de vir esclarecer a doutrina que ai me foi revelada, dando-vos novos conhecimentos compatíveis com o desenvolvimento das vossas inteligências; se vejo que cada dia que passa da vossa existência – iluminada pela sublime luz da revelação, sem produzirdes um trabalho à altura da graça que vos foi concedida – é um motivo de escândalo para as vossas próprias consciências; devo usar desta linguagem rude de amigo, a fim de que possais, compenetrados verdadeiramente dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos num grande agrupamento fraterno, onde – avigorados pelo apoio mútuo e pela proteção dos bons – possais enfrentar o trabalho extraordinário que vos cumpre realizar para emancipação dos vossos Espíritos, trabalho que inegavelmente ocasionará grande revolução na Humanidade, não só quanto à parte da Ciência e da Religião, mas também na dos costumes!

Uma vez por todas vos digo, meus amigos: – Os vossos trabalhos, os vossos labores não podem ficar no estreito limite da boa-vontade e da propaganda, sem os meios elementares indicados pela mais simples razão.

Não vem absolutamente ao caso o reportar-vos às palavras de Jesus - Cristo quando disse que – a luz não se fez para ser colocada debaixo do alqueire. Não vem ao caso e não tem aplicação, porque não possuis luz própria!

Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminai todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael, templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade. Então, sim; distribuí a luz, ela vos pertence!

E vos pertence, porque é um produto sagrado do vosso próprio esforço, uma brilhante conquista do vosso Espírito – empenhado nas lutas sublimes da Verdade.

Fora desses termos, podeis produzir trabalhos que causem embriaguez a vista, mas nunca que falem sinceramente ao coração. Podeis produzir emoções fortes, por isso que muitos são os que gostosamente se entregam ao culto do maravilhoso; nunca, porém, deixarão as impressões suaves da Verdade vibrando as cordas do amor divino no grande coração humano.

Fora dessa convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos, mas é bem possível que também seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrario do que devia acontecer, a morte moral do vosso Espírito – a destruição, pela base, do vosso Templo de trabalho!

Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos espíritos um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a Revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos livros profanos, que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionara a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

Que será de vós – quem vos poderá socorrer – se, a lâmpada do vosso Espírito, faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada do Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos?

Se fostes chamados às bodas do filho do vosso Rei, por que não tomam os vossos Espíritos as roupagens dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade pelo consórcio do Cristo com o seu povo?

Se tudo está preparado, se só faltam os convivas, por que cedeis o vosso lugar aos coxos e estropiados que, últimos, virão a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina?

Esses pontos do Evangelho de Jesus - Cristo, apesar da Revelação, ainda não provocaram a vossa meditação?

Esse eco que reboia por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo – *Os tempos são chegados!* – será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos espíritos?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituíssemos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens sob o aspecto de homens cheios de ambições, que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gozo da carne e satisfação das paixões do mundo?

Mas seria simplesmente uma obcecação do Espírito – pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar, no reino de Deus, coberto dessas paixões e dessas misérias humanas!

Isso equivaleria não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis crer; seria zombar do vosso Criador que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões!

Meus amigos! Sem caridade não ha salvação – sem fraternidade não pode haver união.

Uni-vos, pois, pela fraternidade, debaixo das vistas do bom Ismael, vosso Guia e Protetor. Salvai-vos pela Caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto, àqueles que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem-intencionado e verdadeiramente cristão.

Sobre a propaganda que procurais fazer, exclusivamente para chamar ao vosso seio maior número de adeptos, direi – se os meios mais fáceis que tendes encontrado são a cura dos vossos irmãos obsessos, são as visitas domiciliárias e a expansão dos fluidos – aí tendes um modesto trabalho para vossa meditação e estudo.

E, lendo, compreendendo, chamai-me todas as vezes que for do vosso agrado ouvir a minha palavra e eu virei esclarecer os pontos que achardes duvidosos – virei, em novos termos, se preciso for, mostrar-vos que esse lado que vos parece fácil para a propaganda da Doutrina – é o maior escolho lançado no vosso caminho – é a pedra colocada às rodas do vosso carro triunfante – será, finalmente, o motivo da vossa queda desastrosa, se não souberdes guiar-vos com o critério exigível de quantos se empenham numa tão grande causa.

Permita Deus que os espíritas a quem falo, que os homens a quem foi dada a graça de conhecer em espírito e verdade a Doutrina do Cristo, tenham a boa-vontade de me compreender – a boa-vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro.

Allan Kardec

II — ESTUDOS SOBRE OBSESSÕES

Paz e Amor! Diante da grande responsabilidade que assumimos para com o nosso Criador, quando nos comprometemos a defender a Doutrina do seu amado Filho, selada com o seu próprio sangue no cimo do Calvário, para redimir as culpas dos homens; diante dos compromissos tomados pelo nosso próprio Espírito, certo então de triunfar da carne e suas paixões; de estabelecer na Terra o reino do amor e da fraternidade das criaturas; em face das lutas que crescem dia a dia, mais escabroso tornando o caminho da vossa existência em via de regeneração, elevo o meu pensamento ao Ser dos Seres, ao nosso Criador e Pai, e suplico, em nome da caridade divina, que se estendam as asas do seu amado Filho sobre a Terra, colocando-vos à sombra do seu Evangelho — garantia única da vossa crença — segura estabilidade da vossa fé!

Amigos! Ainda há pouco, atravessando com os olhos do Espírito o reinado das trevas, raciocinando sobre os fatos que atormentam a Humanidade constantemente, reconhecíeis a necessidade do perdão das ofensas, de pagar com benefícios os malefícios, de responder ao ódio com o amor, reconhecíeis a necessidade que o homem, revestido de um *Mandatum* tão santo sobre a Terra, tem da virtude e dos altos sentimentos que o nobilitem aos olhos do seu Criador

para, desassombrado, empenhar-se na tremenda luta da Luz contra as trevas, em nome do Cristo — o Mestre, o Modelo, o Redentor.

Com efeito, louco seria aquele que, reconhecendo nos sofrimentos alheios a plena execução da justiça de um Deus clemente e misericordioso, tentasse apaziguá-los apenas com palavras — senão vazias de sentido — baldas completamente do sentimento cristão.

Louco seria quem, sem as armas que lhe dão as palavras de Jesus, se entregasse a essa luta inglória, agravando — quem sabe! Os sofrimentos e as dores daqueles por quem se dispõe a lutar.

Compreendeis que vos falo dos obsessos, desses infelizes irmãos que encontrais a todo o momento e que despertam a vossa curiosidade ou os vossos sentimentos. Falo dessas vítimas de erros e faltas que escapam à vossa percepção e aos quais, olhando-os com olhos piedosos, procurais ministrar a palavra consoladora — o bálsamo santo da caridade divina.

Se fora possível, a todos os que estremecem diante desses quadros horrorosos, praticar o jejum de que falava Jesus aos seus apóstolos; se fora possível a cada um compreender o papel de verdadeiro sacerdote, de que se acha incumbido, quando procura repartir a hóstia sagrada, no altar de Jesus, com seus irmãos da Terra; se fora possível a elevação de vistas sobre estes fatos, em que a justiça de Deus se manifesta e, quiçá, o próprio arrependimento daquele cujo sofrimento tanto comove, certamente a tristeza não invadiria a vossa alma, a desilusão não perturbaria a vossa crença, a dor não dominaria os impulsos da vossa fé!

Quereis os fins, procurai os meios. Os fins que visais são bons, empregai os bons meios — compreendendo sempre, constantemente, que Deus vela sobre todas as suas criaturas e que até os cabelos de cada uma estão contados.

Compreendi o que quer dizer — Misericórdia; compreendi o que quer dizer — Justiça!

Não entra nas questões altamente divinas que essas duas palavras encerram, isso a que chamais na Terra — boa-vontade, assim mesmo desmentida, muitas vezes, pela direção que dais aos vossos atos e às vossas ações.

Compreendi a imutabilidade da lei de Deus; ela pode ter a sua execução sustada, mas nunca revogada.

A execução é sustada quando — não a boa-vontade, mas o amor de suas criaturas, os eflúvios santos da caridade lhe sobem nas asas de uma prece e vão chorar junto do seu poder misericordioso. Então, ele apazigua os sofrimentos temporariamente, por isso que o princípio da justiça prevalece sempre, distribuindo a cada um segundo as suas obras.

Compete, pois, ao verdadeiro espírita, ao verdadeiro imitador de Jesus, munir-se dos meios santos e puros para chegar a fins tão divinos e tão sagrados. Fazer por merecer — eis a grande questão!

Deus é bom; procuremos, ao menos, não ser maus. Deus é a misericórdia; procuremos, na medida das nossas forças, repartir com os nossos semelhantes — não os lodos da alma, que desbotam os sentimentos — mas o amor que bebemos

no grande Jordão do Evangelho, lavando-nos de culpas e de erros do passado. Humildes, caridosos, vereis claro o vosso rumo; podereis, como o disse Jesus, levantar os paralíticos, dar vista aos cegos, quais os Apóstolos que não limitavam o seu amor ao Mestre só à boa-vontade, mas o estendiam à prática das boas ações.

Humildes e caridosos, não caireis nos barrancos com aqueles que conduzirdes pela mão. Humildes e caridosos, podereis trancar a casa varrida e ornada, derrotando as potestades malévolas que hoje vos intimidam, porque (infelizes que sois!), de posse do Evangelho, vos encontrais sem forças!

Sim! Invoquemos com amor a graça de Jesus, supliquemos com humildade a misericórdia de Deus, para que, de posse do Evangelho, recebamos a sua força — possamos dar batalha a todos os sentimentos que não falem do seu nome, propagar pelo exemplo a sua palavra, único meio de chegarmos ao nosso desiderato sem agravar a responsabilidade, que porventura atualmente pese sobre cada um de nós, na distribuição da sua doutrina.

Invoquemos o seu amor para que tenhamos força no coração e luz na inteligência, para que nos esclareça os ditames da consciência no terreno calmo e sereno onde o Espírito vai, segundo a sua palavra, fecundando as boas sementes pelo trabalho contínuo das ações, com a enxada das virtudes.

Procuremos por essa graça, que invocamos, dar o justo valor ao sentimento a que chamamos caridade — chave com que abrimos as portas do céu —, isto é: chave com que alcançamos a paz da consciência, o templo do amor, o sacrário da justiça, o tabernáculo da fé!

Procuremos dar justo valor a esse sentimento, que talvez profanemos, consciente ou inconscientemente, e com a profanação do qual perturbamos a paz, a serenidade da justiça, que se cumpre — não pela vontade dos homens, mas — pela vontade de Deus, de acordo com a lei que, emanada da sua sabedoria e do seu amor nunca desmentidos, distribui a cada um segundo as suas obras.

Perguntemos a nós mesmos, para que a nossa consciência responda, se a caridade, essa virtude divina, exclui porventura a prudência, a razão, quando sabemos previamente que tudo tem sempre uma razão de ser, que tudo se faz pela vontade de Deus!

Perguntemos a nós mesmos, sempre que o sentimento da filantropia, que se aninha em nosso ser e que supomos ser o da caridade, nos permite momentos de meditação, sugerindo-nos considerações sociais e pessoais, modelando mesmo os corações nos estreitos moldes dos prejuízos do mundo, sempre que aquele sentimento não receba de nós e espontaneamente os impulsos da fé, os alentos da esperança e a certeza de que é caridade o que se quer realizar; perguntemos a nós mesmos se há em nosso íntimo sentimentos tão grandes e tão divinos que possam suplantar o amor de Deus às criaturas!

Perguntemos à nossa razão e à nossa inteligência se acima das nossas cabeças, onde fermentam, às vezes, ideias bastante pecaminosas, existe um véu tão denso e tão impenetrável que não possa ser atravessado pelos olhos de Deus, que tudo vê, tudo sente!

Meus amigos! Chamo bastante a vossa atenção para esta passagem da minha pálida comunicação, falando-vos da caridade em face das obsessões. Chamo a vossa atenção, porque quero deixar firmado um princípio relativo às vossas condições, a fim de vos poupar desgostos e, talvez, revoltas, quando, sem saberdes dar o verdadeiro peso às inconseqüências dos vossos atos, às imprudências das vossas ações — permiti que vos fale assim — pretendeis chegar a grandes fins, usando de limitados meios.

Não vos proíbo — e seria uma aberração do meu Espírito proibir-vos — tratar de obsessões. Notai bem! O que condeno, se condenar possa alguma coisa em nome da Doutrina, é que, a pretexto de caridade, caridade geralmente falada e poucas vezes sentida — vos exponhas a conflitos com o espírito das trevas, perturbeis a justiça de Deus que se realiza nos vossos semelhantes e agraveis, por conseqüência, a responsabilidade do vosso

Espírito, por isso que muitas vezes, nesses tentames, longe de distribuídes os sazonados frutos do Evangelho, distribuis os agudos espinhos da dor e do martírio!

A caridade que exclui a razão, a prudência e o bom senso — a verdadeira caridade — é instintiva!

Não argumentemos com ela. Essa caridade constitui a poderosa força da alma, que já não conhece restrições no infinito.

Não argumentemos com ela, que, sendo a verdadeira caridade, não discute conosco. Pela sua pureza, paira numa região que não podemos ainda tocar. Ela se orvalha da Misericórdia Divina, participa do bafejo do Criador, é grande, é imensa, não podemos medi-la.

Mas a caridade que obriga o Espírito a cogitar dos meios, a caridade que discute, que atende a considerações sociais e prejuízos, essa caridade — antes sentimento filantrópico — precisa ser analisada, precisa ser medida para servir de norma à nossa conduta sobre a Terra, na distribuição das palavras do Evangelho, na depuração dos vossos Espíritos, até que possais chegar ao fim, ao desejado porto, que é Jesus — nosso Mestre e nosso amigo.

É imprescindível o estudo do obsesso, em quem vamos operar o trabalho que nos reclama a filantropia do coração: — estudo fisiológico e patológico, estudo das causas determinantes dos sofrimentos que nos comovem; estudo do meio em que vamos atuar; dos sentimentos religiosos daquele a quem pretendemos curar; das suas qualidades morais; dos seus princípios; da sua educação, do tempo, de tudo, finalmente, que possa concorrer para nossa orientação no trabalho que pretendemos fazer. Nesse estudo sério, seguro, é que podemos encontrar o fio de Ariadne que nos guiará na obra de salvação do infeliz irmão, ovelha desgarrada, na frase do Evangelho — para a qual seremos o pastor, mas com os sentimentos do pastor.

A palavra só deve entrar na casa do obsesso como coisa secundária; o que lhe devemos levar são sentimentos, são qualidades morais que se imponham: — a fé do verdadeiro Levita, a seriedade do verdadeiro Sacerdote!

E não há fugir desse pensamento, e não há fugir desse princípio, quando a razão nos diz que vamos colocar-nos entre a justiça de Deus e um infeliz — que vamos colocar o nosso coração como ante mural à vontade do Eterno, que tudo vê, tudo sente.

Não há fugir dessa doutrina, quando sabemos que de Deus são completamente desconhecidas as fórmulas da boa-vontade e que nos seus domínios só pode penetrar o espírito da fé.

Curar! Quem não procura curar? Suavizar os sofrimentos alheios, participar as dores dos seus semelhantes, beber no cálice das suas amarguras; quem não o procura fazer?

Todos quantos têm o sentimento cristão — todos os que não pulverizam os sentimentos do amor, inato no coração das criaturas e aí colocado pela mão de Deus!

Mas, que todos se revejam no Mestre; — que todos se lembrem de suas palavras quando, procurado pelos enfermos e obcecados, do corpo e do espírito, lhes dizia não convir que se curassem, porque não convinha, na linguagem do Espírito, fossem agravar suas responsabilidades, fazendo mal uso de uma graça recebida. Ainda mais: — não convinha se curassem porque necessitavam das provações e das expiações para se elevarem aos pés de Deus, o que não conseguiriam com a saúde do corpo, mas, sim, com a saúde do Espírito.

Amigos! Deixo-vos, para repouso do aparelho que me serve, e não continuarei enquanto não me honrardes, solicitando o meu concurso para o vosso estudo. Rogo-vos, como verdadeiro amigo, me interrogueis sobre os pontos que porventura não puderdes aceitar, para que eu, com os elementos de que disponha no vosso médium, me faça melhor compreender, ou seja por vós esclarecido.

•

Sinto-me bem no meio de amigos que procuram comigo investigar a verdade necessária ao progresso da Humanidade, e isso sem os preconceitos e os prejuízos que desvirtuam um estudo que deve ser feito com humildade e verdadeiro interesse.

Da comunicação apresentada ao vosso estudo crítico, procuremos tirar as necessárias premissas e suas consequências imediatas.

Deixando de parte a forma, que nada interessa à questão de que tratamos, vejamos o que podemos encontrar no fundo, que aproveite aos nossos Espíritos ávidos de luz e de novos conhecimentos.

Primeira questão: — Deve o espírita tentar a cura de obsessões, quando sabe previamente que tudo tem a sua razão de ser — que tudo é feito pela vontade de Deus — e que até os cabelos da cabeça de cada um estão contados?

Responderei, como regra absoluta: Sim!

Segunda questão: — Pode o espírita, cômico da sua fraqueza, da deficiência da sua força moral, ir ao encontro dos obsessos, procurando salvá-los da perseguição, da dor e do sofrimento que os comovem?

Ainda respondo: — *Sim!* — também como regra absoluta.

Terceira questão: — Mas deve o espírita, levado tão-somente pelo conhecimento que tem da Doutrina e pela esperança da graça que há de receber, tentar a cura, desprezando os meios aconselhados?

Não!

E isso, meus amigos, pela simples razão de não ser admissível colocar-se à cabeceira de um enfermo um médico que ignore completamente a Medicina!

De igual modo que o médico, que trata do corpo, não cura apenas com a sua boa-vontade, mas procura os meios terapêuticos para combater a enfermidade denunciada pelo estado patológico do enfermo, assim o espírita, médico que deve ser da alma, tem que procurar os meios adequados à higiene da alma para curá-la, debelando as causas determinantes do mal que o entristece e lhe desperta a vontade de praticar o bem.

Admitir que do simples encontro de um espírita com um obsessivo pudesse resultar o afastamento do algoz e a garantia da vítima, fora admitir um capricho da Divindade, suscetível de ser desfeito ao primeiro gesto humano.

Mas, se Deus é justo, se Deus é misericordioso e se ninguém o pode exceder em sentimento de caridade, compreenderéis a impossibilidade de qualquer tentativa nesse sentido; compreenderéis, ainda mais, a responsabilidade que advém, para o vosso Espírito, da profanação das coisas santas, sujeitas à justiça de Deus!

Falando do sentimento que muitas vezes vos faz estremecer a alma e que supondes ser o da caridade, por isso que não podeis ainda compreender a grandeza e a santidade deste sentimento, deixei perceber a todos vós que melhor seria lhe chamássemos sentimento filantrópico, sentimento este que, não sendo a caridade, mas o seu princípio a desabrochar no vosso Espírito, não vos inibe contudo, de tratar dos vossos irmãos vítimas de obsessões, desde que, com prudência, com critério e com a razão, saibais dar direção aos vossos atos de filantropia, exercitando assim o vosso Espírito na prática do bem, proporcionando-lhe dia a dia novas forças e novas luzes para o seu levantamento moral, e para o progresso da Doutrina.

Quando o espírita tem fé, mas fé sentida; quando o espírita tem amor, mas amor esclarecido; quando o espírita tem caridade, mas a caridade provada, vai, sem cogitações estranhas, ao encontro dos que sofrem e, a exemplo do Mestre e dos Apóstolos, expele os demônios, dá vista aos cegos e faz andar os paralíticos.

Quando, porém, o espírita apenas por tradição conhece esses sentimentos; quando é o primeiro a ter consciência da fraqueza de sua alma para se fazer de antemural entre a justiça de Deus e o sofrimento do seu semelhante; quando, apesar de tudo isso, aspira — o que é muito natural —, deseja — o que é nobre — chegar à condição daquele que possui os grandes sentimentos da alma, o espírita não pode deixar de ser prudente, criterioso e sensato, procurando os meios de suprir os sentimentos que lhe faltam na alma, a fim de desempenhar o seu dever de cristão e de espírita.

É neste ponto que intervém o estudo fisiológico e patológico das causas determinantes do sofrimento, o estudo do meio onde se vai agir, do tempo, de tudo, finalmente, que respeita ao trabalho que se tem de fazer.

O espírita, diante do obsessivo, está diante do desconhecido, e, de igual modo que nenhum homem se aventura a explorar certa zona desconhecida, sem fazer o necessário reconhecimento para caminhar com desassombro e abrir a sua estrada, assim também esse estudo patológico das causas determinantes do sofrimento constitui o reconhecimento necessário ao trabalho que se vai tentar, por isso que nele se encontram os elementos substitutivos da fé que opera a remoção das montanhas — do amor que faz a unificação das almas — da caridade que se distende por todo o infinito!

Princípio invariável: — Em todos os casos de obsessão há sempre um estado mórbido a combater — estado mórbido esse que é causa ou efeito.

Sendo assim, o estudo fisiológico é imprescindível, meus amigos, os meios terapêuticos são mais que necessários, por isso que se trata de entrar num jogo — se assim me posso exprimir — de desequilíbrio de órgãos desmantelados pela absorção de fluidos que têm alterado a economia peculiar a cada ser.

Restabelecer os órgãos, trazê-los às funções normais, é um trabalho tanto mais necessário quanto sabemos que, às vezes, a sua desorganização é que permite o estabelecimento do laço entre o obsessivo e o obsessivo. Isso quanto à parte fisiológica.

Quanto à parte moral, porque o vosso fito seja restabelecer o *obsidiado*, não podeis, contudo, abandonar o obsessivo que tendes diante de vós e que, por mau, nem por isso deixa de ser vosso irmão e de estar debaixo da misericórdia de Deus. Por convir sejam concomitantes as curas de ambos, é que se torna impossível, simplesmente pela boa-vontade, obter a graça que muitas vezes ides invocar da misericórdia e do amor do Altíssimo.

Sem dúvida, Deus, na sua sabedoria e vontade, pode, num dado momento, afugentar todas as legiões de maus Espíritos. Mas, se Deus não quer a morte do pecador e sim que ele se salve, Deus não permite que, pela simples evocação do seu nome, se restabeleça um que precisa sofrer e expiar faltas cometidas, e se lancem às trevas, ao desespero, outros, que também são filhos e que se não o amam é porque o não conhecem!

Assim, pois, o bem deve ser feito indistintamente, seja qual for o terreno em que houvermos de o praticar. Mas, nem o próprio bem pode excluir a nossa razão, quando, tratando-se da justiça de Deus, pretendemos contrariá-la.

O Pai ama seus filhos e abre seu amoroso seio a recebê-los, quando os filhos sabem ir a Ele. Deus apazigua os males da Humanidade; Deus retira a espada da sua justiça de sobre a cabeça dos seus filhos; porém, somente quando da alma destes mesmos filhos brota, santificado, o doce eflúvio da caridade divina, cujos germes foram ali depositados para se desenvolverem e voltarem ao seu seio.

Se tendes fé, se tendes amor, se tendes caridade, cerrai os olhos, marchai mesmo para o desconhecido e produzireis assombros!

Se tendes paixões, se tendes vícios, se tendes crimes, sede prudentes. Marchai tímidos, reconhecei o terreno em que pisais, cercai-vos dos meios necessários ao vosso empreendimento e curai obsidiados e obsessores pela graça do Senhor, que reconhece a vossa humildade e o vosso firme desejo de praticar o bem, apesar de serdes pequeninos.

Meus amigos! não quero fatigar a quem me serve tão passivamente. Que Deus em seu infinito amor permita, por intermédio dos vossos Guias, possais ter bem claro o vosso entendimento para compreenderdes — não os conselhos do mestre, e sim as provas de amizade que vos dá o vosso amigo e irmão.

Bendito seja o Senhor, que permite a um pobre Espírito, desejoso de luz e de progresso, vir junto de seus irmãos da Terra expender pálidos pensamentos doutrinários com o fim justo — não de ensinar — mas de permutar com eles os sentimentos que lhe vão na alma, estabelecendo desta sorte o laço da amizade espiritual — prenúncio indubitável do amor a que tendemos.

Voltando às comunicações apresentadas ao vosso exame, procuremos ainda tirar as consequências das premissas formuladas, completando o nosso estudo relativamente à cura das obsessões.

Ficou estabelecido que aquele que tem a fé, conforme a queria Jesus, isto é, a do grão de mostarda — não precisa de fórmulas e cuidados prescritos pela patogenesia para a reabilitação dos enfermos da alma e do corpo.

Ficou também estabelecido que aquele que se reconhece fraco espiritualmente; aquele em que se podem apontar erros e culpas — não se deve levar simplesmente pela boa-vontade, esperando da graça do Senhor aquilo que só pode conquistar pelo esforço próprio, no trabalho consecutivo e cotidiano do aperfeiçoamento das suas funções espirituais, por isso que — disse eu —, a admitir-se hipótese contrária, teríamos, não um Deus justo e bom, mas um Deus caprichoso e suscetível dos erros e crimes das suas próprias criaturas.

Ficou também estabelecido que é uma necessidade o exame patológico do enfermo, por isso que há sempre um estado mórbido a combater — estado mórbido que pode ser a causa da obsessão, mas que também pode ser efeito desta.

São duas coisas distintas, meus amigos, cada qual requerendo tratamento especial, porquanto no primeiro caso a vossa ação se deve exercer toda sobre o obsidiado, ao passo que no segundo deve ser toda exercida sobre o obsessor.

O estudo patológico tanto mais necessário e conveniente se torna aos nossos olhos, quanto precisamos conduzir-nos com todo o critério na vida de relação, com todo o bom-senso na vida social — vida de relação, vida social onde as moléstias, mal ou bem, estão classificadas e conhecidas — onde seria um desar para a Doutrina confundir a encefalite, a esplenite, a mielite, o histerismo e a epilepsia com a presença de Espíritos obsessores, aos quais pretendeis levar a luz, o conselho salutar, o restabelecimento, finalmente.

Bem compreendeis que, na hipótese de uma dessas moléstias, é natural haja sempre influências estranhas, que se aproveitam do estado mórbido, mas não é isso o que realmente se pode chamar obsessão.

Em tal caso, feito o tratamento com os agentes terapêuticos, tem-se o restabelecimento dos órgãos, a volta da saúde: cessando a causa, cessam os efeitos.

Entretanto, quando os órgãos são levados ao desequilíbrio pela absorção de fluidos, pela presença constante do Espírito que obsidia, o tratamento deve convergir todo para a causa estranha que se apresenta determinando as desorganizações mentais, a perda da vontade, o aniquilamento do livre-arbítrio.

É nesse ponto que quase sempre vos encontrais fracos; é nesse trabalho mecânico — por isso que é um trabalho todo de fluidos — que vos encontrais em sérios embaraços, sofrendo, quem sabe, muitas vezes desfalecimentos que vos levariam à descrença, ao abandono da Doutrina de Jesus, se os vossos Guias não vos viessem tocar a consciência, mostrando a improcedência dos vossos raciocínios, que vos impelem a vos julgardes alucinadamente superiores a Deus.

Assim como para combater uma causa física se antepõe uma força física, assim também para combater uma causa moral é preciso antepor-lhe a força moral.

Sendo certo que o Espírito obsidiado tem o seu perispírito impregnado, saturado de fluidos maus e perniciosos, deveis, pela potência da vontade, produzir o trabalho que nada tem de material ou mecânico e que consiste em lhe antepor fluidos puros e salutareis; e essa pureza, essa salubridade dos fluidos só pode vir da superioridade moral do vosso eu — superioridade moral que vos dá autoridade — a que nenhum Espírito pode resistir, pois que não há em absoluto a homogeneidade que permitiria o exercício de força contrária à Lei, e vós estareis dentro da Lei!

Eis por que eu disse que convinha toda a prudência ao vos conduzirdes nesses trabalhos espinhosos, porque o homem, que não tem consigo elementos de salvação, não se atira sobre as ondas do oceano revolto que o pode sorver, que o pode tragar no seu seio tempestuoso.

A boa-vontade pode ser um meio, mas não é tudo.

O homem que quer destruir a montanha não cruza os braços, limitando-se a dizer a Deus, ou à Natureza, que tem vontade de que a montanha seja destruída: vai buscar a ferramenta, trabalha até a mortificação do corpo, cava a rocha e faz a destruição.

Tendes boa-vontade de curar, é justo, eu já o disse. Mas a obsessão é uma montanha extraordinária de paixões e sentimentos desordenados, para cuja destruição precisais das ferramentas do amor, das ferramentas da humildade e da verdadeira abnegação.

Se o vosso Espírito comporta todos esses sentimentos grandes; se a vossa alma pode absorver toda a doutrina emanada do Evangelho de Jesus; por que não o dilatar de todo?

Por que não amar — por que não ser humilde, desde que sabeis que só o amor e a humildade darão capacidade moral para produzir os assombros obtidos pelos Santos Apóstolos quando, em nome do Divino Mestre, iam de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando a sua doutrina — limpando os corpos e purificando as almas?

Irmãos! Não vos iludam os caprichos da carne; não vos iludam esses fogos-fátuos das grandezas humanas, que não podem aclarar a ínvia estrada da vossa existência sobre a Terra, nem vos apontar os marcos do gozo que não morre!

Em cada um de vós vejo, é certo, um pecador; mas, antes, vejo em cada um de vós uma vontade; e, se essa vontade souber exercitar-se, se souber fazer uso do poder, os arruinados castelos de dificuldades serão destruídos para todo o sempre e sobre os seus destroços se levantarão os vossos Espíritos, pecadores de hoje, puros e glorificados por um Deus que é justo!

Dar pouco já é dar alguma coisa. Se reconheceis no vosso Espírito a fraqueza para os grandes cometimentos da alma, orai, pedi forças a Jesus, e nem de longe acrediteis que vos seja negada a gota de água para os lábios ressequidos — um raio de luz da misericórdia divina ao vosso coração que se humilha, ao vosso Espírito que se abate para se levantar!

Quando assim fizerdes; quando compreenderdes que ser espírita não é ser homem, mas cristão; quando souberdes dar todo o valor a essa graça que vos é concedida pelo esposamento completo da doutrina que se vos prega; quando, finalmente, vos convencerdes de que éreis náufragos nesse mundo, e que Deus bondosamente fez chegar às vossas mãos a tábua do Evangelho; então podereis ir à casa do doente obsidiado e, dizendo simplesmente — «A paz de Jesus esteja nesta casa» — o doente terá a paz, terá a saúde no corpo e na alma, por Jesus - Cristo, em nome do qual tereis ido praticar o bem, cumprindo a sua lei!

Meus Irmãos! Meus dedicados Amigos! Não quero fatigar o vosso companheiro.

O que vos tenho dito basta para compreenderdes o modo por que deveis proceder quando vos achardes em presença de um obsidiado.

Que Deus aclare o vosso entendimento, que Jesus, por intermédio dos bons Guias, vos dê todas as intuições do bem para a vossa felicidade nesse mundo e no mundo onde vos espero.

Que assim seja!

Allan Kardec

REVISTA ESPÍRITA 1869

ALLAN KARDEC

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS (maio 19)

A abundância das matérias não nos permitindo publicar atualmente todas as instruções ditadas por ocasião dos funerais do Sr. Allan Kardec, nem mesmo todas aquelas que ele mesmo deu, reunimos, numa só e mesma comunicação, os ensinamentos de um interesse geral, obtidos por intermédio de diferentes médiuns.

(Sociedade de Paris, abril de 1869.)

Como vos agradecer, senhores, pelos vossos bons sentimentos e das verdades eloquentes expressadas sobre meu despojo mortal; disto não duvideis, eu estava presente e profundamente feliz, tocado pela comunhão de pensamentos que nos unia pelo coração e pelo espírito.

Obrigado, meu jovem amigo (Sr. C. Flammarion), obrigado por vos haverdes afirmado como o fizestes; vós vos exprimistes com calor; assumistes uma responsabilidade grave, séria, e esse ato de independência vos será duplamente contado; não tereis nada perdido em dizer o que as vossas convicções e a ciência vos impõem. Em agindo assim, podeis ser discutidos, mas sereis honrado a justo título.

Obrigado a vós todos, caros colegas, meus amigos; obrigado ao jornal *Paris*, que começa um ato de justiça, pelo artigo de um bravo e digno Coração.

Obrigado, caro vice-presidente; Srs. Delannee E. Muller, recebi a expressão de meus sentimentos de viva gratidão, vós todos que apertastes afetuosamente, hoje, a mão de minha corajosa companheira.

Como homem, estou muito feliz pelas boas lembranças e pelos testemunhos de simpatia que me prodigalizais; como espírita, eu vos felicito pelas determinações que tomastes para assegurar o futuro da Doutrina; porque, se o Espiritismo não é minha obra, pelo menos, eu lhe dei tudo o que as forças humanas me permitiram lhe dar. É como colaborador enérgico e convicto, como combatente de todos os instantes, da grande Doutrina deste século que eu a amo, e ficaria infeliz se a visse perecer, se tal coisa fosse possível.

Ouvi, com um sentimento de profunda satisfação, meu amigo, vosso novo e digno presidente vos dizer: "Ajam de acordo; vamos despertar os que há muito tempo não raciocinam mais; vamos reavivar os que raciocinam! Que não seja Paris, que não seja a França que sejam o teatro de vossa ação; vamos por toda a parte! Vamos dar à Humanidade inteira a mão que lhes faz falta; vamos dar o exemplo da tolerância que ela esquece, da caridade que ela conhece tão pouco!"

Agistes para assegurar a vitalidade da Sociedade; está bem. Tendes o desejo sincero de caminhar com firmeza no sulco traçado, está ainda bem; mas não basta querer hoje, amanhã, depois de amanhã; para ser digno da Doutrina é preciso querer sempre! A vontade, que age por impulsos, não é mais vontade; é o capricho do bem; mas, quando a vontade se exerce com a calma que nada

perturba, com a perseverança que nada detém, ela é a verdadeira vontade, inabalável em sua ação, frutífera em seus resultados.

Sede confiantes em vossas forças; elas produzirão grandes efeitos se as empregardes com prudência; sede confiantes na força da ideia que vos reúne, porque ela é indestrutível. Pode-se ativá-la ou retardar lhe o desenvolvimento, mas detê-la é impossível.

Na fase nova em que entramos, a energia deve substituir a apatia; a calma deve substituir o ímpeto. Sede tolerantes uns para com os outros; agi sobretudo pela caridade, pelo amor, pela afeição. Oh! Se conhecesses todo o poder desta alavanca! Foi dela que Arquimedes pôde dizer, que com ela ergueria o mundo! Vós o erguereis, meus amigos, e essa transformação esplêndida, que se efetuará por vós em proveito de todos, *marcará* um dos mais maravilhosos períodos da história da Humanidade.

Coragem, pois e esperança. A esperança!... Esse facho, que os vossos irmãos infelizes não podem perceber através das trevas do orgulho, da ignorância e do materialismo, não os afasteis ainda mais de seus olhos. Amai-os; fazei com que vos amem, que vos escutem, que vos olhem! Quando eles tiverem visto, ficarão deslumbrados.

Quanto serei feliz então, meus amigos, meus irmãos, ao ver que meus esforços não terão sido inúteis, e que o próprio Deus terá abençoado a nossa obra! Naquele dia, haverá no céu uma grande alegria, uma grande ebriedade! A Humanidade será libertada do jugo terrível das paixões, que aprisionam e pesam sobre ela com um peso esmagador. Não haverá mais, então, sobre a Terra, nem mal, nem sofrimento, nem dor; porque, os verdadeiros males, os sofrimentos reais, as dores cruciais vêm da alma. O resto não é senão o roçar fugitivo de uma sarça sobre uma veste!...

Ao clarão da liberdade e da caridade humanas, todos os homens se reconhecendo, dirão: "Nós somos irmãos" e não terão mais no coração senão um mesmo amor, na boca, senão uma só palavra, nos lábios, senão um único murmúrio: Deus!

Allan Kardec.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

(julho 15)

O AGENTE DE PROPAGAÇÃO MAIS PODEROSO É O EXEMPLO.

(Sociedade de Paris, sessão de 30 de abril de 1869.)

Venho esta noite, meus amigos, vos falar alguns instantes. Na última sessão eu não respondi, estava ocupado em outra parte. Nossos trabalhos como Espíritos são muito mais extensos do que o podeis supor, e os instrumentos de nossos pensamentos não estão sempre disponíveis. Tenho ainda alguns conselhos a vos

dar sobre a marcha que deveis seguir frente ao público, com objetivo de fazer progredir a obra à qual devotei minha vida corpórea, cujo aperfeiçoamento prossigo na erraticidade.

O que vos recomendarei, primeiro e sobretudo, é a tolerância, a afeição, a simpatia em relação de uns para com os outros, e também em relação aos incrédulos.

Quando vedes na rua um cego, o primeiro sentimento que se vos impõe é a compaixão; que isto ocorra do mesmo modo com os vossos irmãos cujos olhos estão fechados e velados pelas trevas da ignorância ou da incredulidade; lamentai-os antes de censurá-los. Mostrai, pela vossa doçura, a vossa resignação para suportar os males desta vida, a vossa humildade em meio às satisfações, às vantagens e às alegrias que Deus vos envia, mostrai que há em vós um princípio superior, uma alma obediente a uma lei, a uma verdade superior também: o Espiritismo.

As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de todas as espécies são meios poderosos de introduzir por toda a parte a luz, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos, é o exemplo na caridade, na doçura e no amor.

Agradeço à Sociedade por vir em ajuda aos infortunados que lhe são indicados. Eis o bom Espiritismo, eis a verdadeira fraternidade. Ser irmãos: é ter os mesmos interesses, os mesmos pensamentos, o mesmo coração!

Espíritas, vós sois todos irmãos na mais santa acepção da palavra. Em vos pedindo para vos amar uns aos outros, não faço senão lembrar as divinas palavras daquele que, há mil e oitocentos anos, trouxe sobre a Terra o primeiro germe da igualdade. Segui sua lei, ela é a vossa; não faço senão tornar mais palpáveis alguns desses ensinamentos. Obscuro operário daquele mestre, daquele Espírito superior emanado da fonte de luz, refleti essa luz como o verme luzente reflete a claridade de uma estrela. Mas a estrela brilha nos céus e o verme luzente brilha sobre a terra, nas trevas, tal é a diferença.

Continuai as tradições que vos deixei ao partir.

Que o mais perfeito acordo, a maior simpatia, a mais sincera abnegação reine no seio da Comissão. Ela saberá, eu o espero, cumprir com honra, fidelidade e consciência, o mandato que lhe foi confiado.

Ah! Quando todos os homens compreenderem tudo o que encerram as palavras amor e caridade, não haverá mais sobre a Terra nem soldados nem inimigos, nela não haverá mais do que irmãos; não haverá mais os olhares irritados e ferozes, não haverá senão fronteiras inclinadas para Deus! Até breve, caros amigos, e obrigado ainda em nome daquele que não esquece o copo d'água e o óbolo da viúva.

Allan Kardec

REVISTA ESPÍRITA 1869

ALLAN KARDEC

A REGENERAÇÃO

(MARCHA DO PROGRESSO)

PARIS, 2o DE JUNHO DE 1869 – PUBLICADA NO Nº DE JULHO
(junho Página 191- Edicel)

Há muitos séculos as Humanidades prosseguem de maneira uniforme a sua marcha ascendente através do espaço e do tempo. Cada uma delas percorre, etapa por etapa, a rota do progresso. Se diferem quanto aos meios infinitamente diversos que a Providência lhes concedeu, são todas chamadas a se unirem e a se identificarem na perfeição, desde que todas partem da ignorância e da inconsciência de si mesmas e avançam indefinidamente para um mesmo objetivo: Deus, para atingirem a felicidade suprema pelo conhecimento do amor.

Há universos e mundos, como povos e indivíduos. As transformações físicas da terra, que sustenta os corpos, podem ser divididas em duas formas, da mesma maneira que as transformações morais e intelectuais que alargam o espírito e o coração.

A terra se modifica pela cultura, pelo arroteamento e os esforços perseverantes dos seus possuidores e interessados. Mas a esse aperfeiçoamento incessante devemos juntar os efeitos dos grandes cataclismos periódicos, que representam o seu regulador supremo, à maneira da enxada e da charrua para o lavrador.

As Humanidades se transformam e progredem pelo estudo perseverante e pela permuta de pensamentos. Ao se instruírem e ao instruírem os outros, as inteligências se enriquecem, mas os cataclismos morais que regenerem o pensamento são necessários para determinar a aceitação de certas verdades.

Assimilam-se sem perturbações e progressivamente as consequências de verdade aceitas, mas é necessária uma conjugação imensa de esforços perseverantes para que novos princípios sejam aceitos. Marcha-se lentamente e sem fadiga por um caminho plano, mas são necessárias todas as forças para subir-se uma senda agreste e superar os obstáculos que surgem. Assim também, para avançar, o homem tem de quebrar as cadeias que o prendem ao pelourinho do passado através do hábito, da rotina e dos preconceitos. Do contrário, o obstáculo continuará firme e ele rodará num círculo vicioso, sem saída, até compreender que, para superar a resistência que lhe fecha a rota do futuro, não basta quebrar as velhas armas estragadas, mas é indispensável fazer outras.

Destruir um navio que faz água por todos os lados, antes de empreender uma travessia marítima, é medida de prudência, mas será ainda necessário, para realizar a viagem, construir novos meios de transporte. Eis, no entanto, atualmente, onde se encontram certos homens avançados, no mundo moral e filosófico e em outros mundos do pensamento! Tudo solaparam, tudo atacaram! As ruínas se

espalham por toda parte, mas eles ainda não compreenderam que é necessário elevar, sobre essas ruínas, alguma coisa mais séria do que um livre pensamento e uma independência moral, independentes apenas da moral e da razão. O nada em que se apoiam e uma palavra profunda somente por ser vazia. Se Deus não pode mais criar os mundos do nada, não pode o homem criar novas crenças sem bases. Essas bases estão no estudo e na observação dos fatos.

A verdade eterna, como a lei que a confirma, não dependem da aceitação dos homens para existir. Ela é. E governa o Universo a despeito dos que fecham os olhos para não a ver. A eletricidade existia antes de Galvani e o vapor antes de Papin, como a nova crença e os princípios filosóficos do futuro, antes mesmo que os publicistas e os filósofos os confirmem.

Sede os pioneiros perseverantes e infatigáveis! Se vos chamarem de loucos, como a Salomão de Caus, se vos repelirem como a Fulton, continuai avançando, porque o tempo, o juiz supremo, fará surgir das trevas os que alimentam o farol que deve, um dia, iluminar toda a Humanidade.

Na Terra, o passado e o futuro são os dois braços de uma alavanca que tem no presente o seu ponto de apoio. Enquanto a rotina e os preconceitos dominam, o passado esta no apogeu. Quando a luz se faz, a alavanca se move e o passado que já escurecia desaparece, para dar lugar ao futuro que alvorece.

Allan Kardec

REVISTA ESPÍRITA 1869

ALLAN KARDEC

Dissertações Espíritas

O ESPIRITISMO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

(Paris, 14 de setembro de 1869)

FEB Outubro 1869 Pág.431

O Espiritismo é, por sua própria natureza, modesto e pouco ruidoso. Ele existe pelo poder da verdade, e não pelo barulho feito em seu redor por seus adversários e partidários. Utopia ou sonho de uma imaginação desordenada, após um breve sucesso ele teria caído sob a conspiração do silêncio, ou melhor ainda, sob a do ridículo que, segundo se pretende, tudo destrói na França. Mas o silêncio não aniquila senão as obras sem consistência e o ridículo só mata o que é mortal. Se o Espiritismo sobreviveu, embora nada tenha feito para escapar às ciladas de toda natureza que lhe armaram, é porque não é obra de um homem, nem de um partido, mas o resultado da observação dos fatos e da coordenação metódica das leis universais. Supondo-se que os seus adeptos humanos desapareçam, que as obras que o erigiram em corpo de doutrina sejam destruídas, ele ainda

sobreviveria por tão longo tempo quanto a existência dos mundos e das leis que os regem.

Alguém é materialista, católico, muçulmano ou livre pensador por sua vontade ou sua convicção; mas basta existir, se não para ser espírita, ao menos para estar sujeito ao Espiritismo. Pensar, refletir, viver, são, efetivamente, atos espíritas, e por estranha que pareça esta pretensão, ela prontamente se justifica após alguns minutos de exame por aqueles que admitem uma alma, um corpo e um intermediário entre essa alma e esse corpo; pelos que, como Pascal e Louis Blanc, consideram a Humanidade como um homem que vive sempre e aprende sem cessar; pelos que, como o Liberté, admitem que um homem possa viver sucessivamente em dois séculos diferentes e exercer sobre as instituições e a filosofia de seu tempo uma influência da mesma natureza.

Quer se esteja convicto ou não, pensar, ouvir a voz interior da meditação, não é praticar um ato espírita, se realmente existem Espíritos? Viver, isto é, respirar, não é fazer o corpo sentir uma impressão que se transmite ao Espírito por meio do perispírito? Admitir esses três princípios constitutivos do ser humano é admitir uma das bases fundamentais da Doutrina, é ser espírita ou pelo menos ter um ponto de contato com o Espiritismo, uma crença comum com os espíritas.

Entrai para o nosso meio abertamente ou pela porta oculta, senhores sábios, isso pouco importa, desde que entreis. A Doutrina vos penetra desde agora e, como a mancha de óleo, estende-se e cresce sem cessar. Vós sois dos nossos, porque a ciência humana entra a todo vapor nos domínios da filosofia e a filosofia espírita admite todas as conclusões racionais da Ciência. Sobre esse terreno comum, quer aceiteis ou não, quer deis às vossas concessões um nome qualquer, estareis conosco e a forma não nos importa, se o fundo é o mesmo.

Estais bem perto de crer e sobretudo de vos convencer, senhor de Girardin, que achastes conveniente tomar do Espiritismo suas palavras, suas formas e seus princípios fundamentais, para cativar os vossos leitores! E vós todos, poetas, romancistas, literatos, não sois um pouco espíritas, quando vossos personagens sonham com um passado que jamais conheceram, quando reconhecem lugares que jamais visitaram, quando a simpatia ou a aversão surgem entre eles ao primeiro contato? Sem dúvida fazeis Espiritismo, como os cenógrafos fazem as peças teatrais; para vós, talvez, ele seja um ardil, uma encenação, um quadro. Que nos importa! Não deixais de popularizar menos os ensinamentos que encontram eco em toda parte, porque muitos pressentem, sem poder definir, esses princípios de convicção sobre os quais as vossas penas sábias ou poéticas lançam a luz da evidência. O Espiritismo é uma fonte fecunda, senhores! É o inexaurível Golconda que enriquece o espírito e o coração dos escritores que exploram e dos que lêem as suas produções! Obrigado, senhores! sois nossos aliados, sem querer, talvez sem saber, mas nós vos deixamos o julgamento de vossas intenções, para só apreciarmos os resultados.

Lamentava-se a penúria dos instrumentos de convicções; o número de médiuns diminuía; seu zelo esfriava; mas agora, não é o poeta da moda, o literato

cujas obras se disputam, o sábio encarregado de esclarecer as inteligências, os que popularizam e propagam por toda parte a nova convicção?

Ah! não temais pelo futuro do Espiritismo! Criança, ele escapou de todos os cercos do inimigo; adolescente, e adotado por bem ou por mal pela Ciência e pela literatura, não deixará a sua marcha invasora senão quando houver inscrito em todos os corações os princípios regeneradores que restabelecerão a paz e a harmonia por toda parte onde ainda reinam a desordem e as dissensões intestinas.

Allan Kardec

REVISTA ESPÍRITA 1869

ALLAN KARDEC

O ESPIRITISMO E O ESPIRITUALISMO

FEB Novembro 1969 Página 460

(Paris, 4 de outubro de 1869, em casa de Miss Anna Blackwell) ¹

1. N. do T.: Embora no original conste o dia 14 de setembro, esta comunicação foi dada no dia 4 de outubro, conforme Errata contida na última página do fascículo de dezembro de 1869.

Estou mais feliz do que podeis imaginar, meus bons amigos, por vos encontrar reunidos. Estou entre vós, numa atmosfera simpática e benevolente, que satisfaz ao mesmo tempo ao meu espírito e ao meu coração.

Há muito tempo que eu desejava ardentemente o estabelecimento de relações regulares entre a escola francesa e a escola americana. Para nos entendermos, meu Deus, bastaria simplesmente nos vermos e trocar opiniões. Sempre considerei o vosso salão, cara senhorita, como uma ponte lançada entre a Europa e a América, entre a França e a Inglaterra, e que contribui poderosamente para suprimir as divergências que nos separam, e estabelecer, numa palavra, uma corrente de ideias comuns, da qual surgiriam, no futuro, a fusão e a unidade.

Caro Sr. Peebles, permiti-me cumprimentar-vos pelo vosso vivo desejo de entrar em relação conosco. Não devemos lembrar se somos espíritas ou espiritualistas. Seremos uns pelos outros, homens e Espíritos que buscam conscienciosamente a verdade e que a acolherão com reconhecimento, quer resulte dos estudos franceses ou dos estudos americanos.

No espaço os Espíritos conservam suas simpatias e seus hábitos terrestres. Os Espíritos dos americanos mortos são ainda americanos, como os desencarnados que viveram na França são ainda franceses no espaço. Daí a diferença dos ensinamentos em certos centros. Cada grupo de Espíritos, por sua própria natureza, por seu espírito nacional, apropria suas instruções ao caráter, ao gênio especial daqueles a quem falam. Mas, assim como na Terra, as barreiras que separam as nacionalidades tendem a desaparecer, também no espaço os caracteres distintivos se apagam, as nuances se confundem e, num tempo futuro, menos afastado do que supondes, não mais haverá na Terra nem no espaço, nem franceses, nem ingleses, nem americanos, mas homens e Espíritos,

filhos de Deus da mesma maneira, e aspirando, por todas as suas faculdades, ao progresso e à regeneração universais.

Senhores, eu saúdo nesta noite, nesta reunião, a aurora de uma próxima fusão das diversas escolas espíritas, e me felicito de encontrar o Sr. Peebles no número dos homens sem prevenção, cujo concurso e boa vontade assegurarão a vitalidade dos nossos ensinamentos no futuro e sua universal vulgarização.

Traduzi as minhas obras! Só se conhecem na América os argumentos contra a reencarnação. Quando as demonstrações em favor desse princípio ali se tornarem populares, o Espiritismo e o Espiritualismo não tardarão a se confundir, tornando-se, por sua fusão, a Filosofia natural adotada por todos.

Allan Kardec

OS ANIVERSÁRIOS

(Paris, 21 de setembro de 1869)

FEB Novembro 1869 página, 461

Há entre todos os homens do mundo moderno um costume digno de elogios, sem a menor dúvida, que, pela força das coisas, logo se verá transformado em norma. Quero falar dos aniversários e dos centenários!

Uma data célebre na história da Humanidade, seja por uma conquista gloriosa do espírito humano, seja pelo nascimento ou a morte de benfeitores ilustres, cujo nome está inscrito em caracteres indelévels no grande livro da imortalidade, uma data célebre, como disse, vem cada ano lembrar a todos que somente aqueles que trabalharam para melhorar a sorte de seus irmãos têm direito a todo respeito, a toda veneração. As datas sangrentas se perdem na noite dos tempos, e se por vezes ainda nos lembramos com orgulho as vitórias de um grande guerreiro, é com profunda emoção que nos recordamos dos que procuraram, por meio de armas mais pacíficas, derrubar as barreiras que separam as nacionalidades. Isto é bom, é digno, mas é suficiente? A Humanidade santifica seus grandes homens; fá-lo com justiça, e suas sentenças, ouvidas pelo tribunal divino, são inapeláveis, porque foi a consciência universal que as pronunciou.

Povo: a admiração, o respeito, a simpatia comovem o teu coração, animam o teu espírito, excitam a tua coragem, mas é necessário ainda mais. É necessário que a emoção que experimentas encontre eco em todos os grandes Espíritos que assistem, invisíveis e enternecidos, à evocação de suas generosas ações; é preciso que estes últimos reconheçam discípulos e êmulos entre os que fazem reviver o seu passado. Lembrai-vos! a memória do coração é o selo dos Espíritos progressistas, chamados ao batismo da regeneração; mas provai que compreendeis o devotamento de vossos heróis prediletos, agindo como eles, num teatro menos vasto, talvez, mas dignificante, para adquirir ou fazer que adquiram, aqueles que vos cercam, os princípios de liberdade, de solidariedade e de tolerância, que constituem a única legislação dos universos.

Após quinhentos anos, João Huss vive na memória de todos, ele que não derramou senão o seu próprio sangue para a defesa das liberdades que havia proclamado. Mas, alguém se lembra do príncipe que, na mesma época, ao preço de enormes sacrifícios de homens e dinheiro, tentou apoderar-se das terras de seus vizinhos? Lembra-se dos salteadores armados que exigiam contribuição dos viajantes imprudentes? E, contudo, a celebridade está associada ao guerreiro, ao bandido e ao filósofo; mas o guerreiro e o assassino estão mortos para a posteridade. Sua lembrança jaz encerrada entre duas folhas amareladas das histórias medievais; o pensador, o filósofo, o que primeiro despertou a idéia do direito e do dever, que substituiu a escravidão e o jugo pela esperança da liberdade, está vivo em todos os corações. Ele não procurou o seu bem-estar e a sua glória, procurou a felicidade e a glória da Humanidade futura.

A glória dos conquistadores se extingue com a fumaça do sangue que eles derramaram, com o esquecimento das lágrimas que fizeram correr; a dos regeneradores aumenta sem cessar, porque o espírito humano, engrandecendo-se, recolhe as folhas esparsas em que estão inscritos os atos gloriosos desses homens de bem.

Sede como eles, meus amigos; procurai menos o brilho que o útil; não sejais do número dos que combatem pela liberdade com o desejo de serem vistos; sede dos que lutam obscuramente, mas incessantemente, para o triunfo de todas as verdades, e sereis também daqueles cuja memória jamais se apagará.

Allan Kardec

Os Desertores

(OBRAS PÓSTUMAS – 1ª Parte página 301)

(Allan Kardec – Encarnado. O Espírito psicografou uma mensagem com o mesmo título que transcrevemos após esta.)

Se é certo que todas as grandes ideias contam apóstolos fervorosos e dedicados, não menos certo é que mesmo as melhores dentre elas têm seus desertores. O Espiritismo não podia escapar aos efeitos da fraqueza humana. Ele também teve os seus e a esse respeito não serão inúteis algumas observações.

Nos primeiros tempos, muitos se equivocaram sobre a natureza e os fins do Espiritismo e não lhe perceberam o alcance. Antes de tudo mais, excitou a curiosidade; muitos eram os que não viam nas manifestações espíritas mais do que simples objeto de diversão; divertiram-se com os Espíritos, enquanto estes quiseram diverti-los. Constituíam um passatempo, muitas vezes um acessório dos saraus.

Esta maneira por que a princípio a coisa se apresentou foi uma tática hábil dos Espíritos. Sob a forma de divertimento, a ideia penetrou por toda parte e semeou germens, sem espavorir as consciências timoratas. Brincaram com a criança, mas a criança tinha de crescer.

Quando os Espíritos facetos sucederam os Espíritos sérios, moralizadores; quando o Espiritismo se tornou ciência, filosofia, as pessoas superficiais deixaram de achá-lo divertido; para os que se preocupam sobretudo com a vida material, era um censor importuno e embaraçoso, pelo que não poucos o puseram de lado. Não há que deplorar a existência desses desertores, porquanto as criaturas frívolas não passam de pobres auxiliares, seja no que for. Todavia, essa primeira fase não se pode considerar tempo perdido. Graças àquele disfarce, a ideia se popularizou cem vezes mais do que se houvera, desde o primeiro momento, revestido severa forma, e daqueles meios levianos e displicentes saíram graves pensadores.

Postos em moda pelo atrativo da curiosidade, constituindo um engodo, os fenômenos tentaram a cupidez dos que andam à cata do que surge como novidade, na esperança de encontrar aí uma porta aberta. As manifestações pareceram coisa maravilhosamente explorável e não faltou quem pensasse em fazer delas um auxiliar de seus negócios; para outros, eram uma variante da arte da adivinhação, um processo, talvez mais seguro do que a cartomancia, a quiromancia, a borra de café, etc., etc., para se conhecer o futuro e descobrir coisas ocultas, uma vez que, segundo a opinião então corrente, os Espíritos tudo sabiam.

Vendo, afinal, essas pessoas que a especulação lhes escapava dentre os dedos e dava em mistificação, que os Espíritos não vinham ajudá-las a enriquecer, nem lhes indicar números que seriam premiados nas loterias, ou revelar-lhes a boa sorte, ou levá-las a descobrir tesouros, ou a receber heranças, nem ainda facultar-lhes uma invenção frutuosa de que tirassem patente, suprir-lhes em suma a ignorância e dispensá-las do trabalho intelectual e material, os Espíritos para nada serviam e suas manifestações não passavam de ilusões. Tanto essas pessoas deferiram louvores ao Espiritismo, durante todo o tempo em que esperaram auferir dele algum proveito, quanto o denegriram desde que chegou a decepção. Mais de um dos críticos que o vituperam tê-lo-iam elevado às nuvens, se ele houvesse feito que descobrissem um tio rico na América, ou que ganhassem na Bolsa. Das categorias dos desertores, é essa a mais numerosa; mas, compreende-se que os que a formam não podem ser qualificados de espíritas.

Também essa fase apresentou sua utilidade. Mostrando o que não se devia esperar do concurso dos Espíritos, ela deu a conhecer o objetivo sério do Espiritismo e depurou a doutrina. Sabem os Espíritos que as lições da experiência são as mais proveitosas; se, logo de começo, eles dissessem: Não peçais isto ou aquilo, porque nada conseguireis, ninguém mais lhes daria crédito. Essa a razão por que deixaram que as coisas tomassem o rumo que tomaram: foi para que da observação ressaltasse a verdade. As decepções desanimaram os exploradores e contribuíram para que o número deles diminuísse. Eram parasitos de que elas, as decepções, livraram o Espiritismo, e não adeptos sinceros.

Alguns indivíduos, mais perspicazes do que outros, entreviram o homem na criança que acabava de nascer e temeram-na, como Herodes temeu o menino Jesus. Não se atrevendo a atacar de frente o Espiritismo, esses indivíduos incitaram agentes com o encargo de o abraçarem para asfixiá-lo; agentes que se mascararam para em toda parte se intrometerem, para suscitarem habilmente a desafeição nos centros e espalharem, dentro destes, com furtiva mão, o veneno da calúnia, acendendo, ao mesmo tempo, o facho da discórdia, inspirando atos comprometedores, tentando desencaminhar a doutrina, a fim de torná-la ridícula ou odiosa e simular em seguida defecções.

Outros ainda são mais habilidosos: pregando a união, semeiam a separação; destramente levantam questões irritantes e ferinas; despertam o ciúme da preponderância entre os diferentes grupos; deleitar-se-iam, vendo-os apedrejar-se e erguer bandeira contra bandeira, a propósito de algumas divergências de opiniões sobre certas questões de forma ou de fundo, as mais das vezes provocadas intencionalmente. Todas as doutrinas têm tido seu Judas; o Espiritismo não poderia deixar de ter os seus e eles ainda não lhe faltaram.

Esses são espíritas de contrabando, mas que também foram de alguma utilidade: ensinaram ao verdadeiro espírita a ser prudente, circunspeto e a não se fiar nas aparências.

Por princípio, deve-se desconfiar dos entusiasmos demasiados febris: são quase sempre fogo de palha, ou simulacros, ardores ocasionais, que suprem com a abundância de palavras a falta de atos. A verdadeira convicção é calma, refletida, motivada; revela-se, como a verdadeira coragem, pelos fatos, isto é, pela firmeza, pela perseverança e, sobretudo, pela abnegação. O desinteresse moral e material é a legítima pedra de toque da sinceridade.

Tem esta um cunho sui generis; exterioriza-se por matizes muitas vezes mais fáceis de ser compreendidos do que definidos; é sentida por efeito dessa transmissão do pensamento, cuja lei o Espiritismo regulou, sem que a falsidade chegue nunca a simulá-la completamente, visto não lhe ser possível mudar a natureza das correntes fluídicas que projeta de si. Ela, a sinceridade, considera erro dar troco à baixa e servil lisonja, que somente seduz as almas orgulhosas, lisonja por meio da qual precisamente a falsidade se trai para com as almas elevadas.

Jamais pode o gelo imitar o calor.

Se passarmos à categoria dos espíritas propriamente ditos, ainda aí depararemos com certas fraquezas humanas, das quais a doutrina não triunfará imediatamente. As mais difíceis de vencer-se são o egoísmo e o orgulho, as duas paixões originárias do homem. Entre os adeptos convictos, não há deserções, na lídima acepção do termo, visto como aquele que desertasse por motivo de interesse ou qualquer outro, nunca teria sido sinceramente espírita; pode, entretanto, haver desfalecimentos. Pode dar-se que a coragem e a perseverança fraqueiem diante de uma decepção, de uma ambição frustrada, de uma preeminência não alcançada, de uma ferida no amor-próprio, de uma prova difícil.

Há o recuo ante o sacrifício do bem-estar, ante o receio de comprometer os interesses materiais, ante o medo do “que dirão”?; há o ser-se abatido por uma mistificação, tendo como conseqüência, não o afastamento, mas o esfriamento; há o querer viver para si e não para os outros, o beneficiar-se da crença, mas sob a condição de que isso nada custe.

Sem dúvida, podem os que assim procedem ser crentes, mas, sem contestação, crentes egoístas, nos quais a fé não ateou o fogo sagrado do devotamento e da abnegação; às suas almas custa o desprenderem-se da matéria. Fazem nominalmente número, porém não há contar com eles.

Todos os outros são espíritas que em verdade merecem esse qualificativo. Aceitam por si mesmos todas as conseqüências da doutrina e são reconhecíveis pelos esforços que empregam por melhorar-se. Sem desprezarem, além dos limites do razoável, os interesses materiais, estes são, para eles, o acessório e não o principal; não consideram a vida terrena senão como travessia mais ou menos penosa; estão certos de que do emprego útil ou inútil que lhes derem depende o futuro; têm por mesquinhos os gozos que ela proporciona, em face do objetivo esplêndido que entrevem no além; não se intimidam com os obstáculos com que topem no caminho; vêem nas vicissitudes e decepções provas que não lhes causam desânimo, porque sabem que o repouso será o prêmio do trabalho. Daí vem que não se verificam entre eles deserções, nem falências.

Por isso mesmo, os Espíritos bons protegem manifestamente os que lutam com coragem e perseverança, aqueles cujo devotamento é sincero e sem idéias preconcebidas; ajudam-nos a vencer os obstáculos e suavizam as provas que não possam evitar-lhes, ao passo que, não menos manifestamente, abandonam os que se afastam deles e sacrificam a causa da verdade às suas ambições pessoais.

Deveremos incluir também entre os desertores do Espiritismo os que se retiram porque a nossa maneira de ver não lhes satisfaz; os que, por acharem muito lento ou muito rápido o nosso método, pretendem alcançar mais depressa e em melhores condições a meta a que visamos? Certamente que não, se têm por guia a sinceridade e o desejo de propagar a verdade. – Sim, se seus esforços tendem unicamente a se porem eles em evidência e a chamar sobre si a atenção pública, para satisfação do amor-próprio e de interesses pessoais!...

Tendes um modo de ver diferente do nosso, não simpatizais com os princípios que admitimos! Nada prova que estais mais próximos da verdade do que nós. Pode-se divergir de opinião em matéria de ciência; investigai do vosso lado, como nós investigamos do nosso; o futuro dará a ver qual de nós está em erro ou com a razão. Não pretendemos ser os únicos a reunir as condições fora das quais não são possíveis estudos sérios e úteis; o que temos feito podem outros, sem dúvida, fazer. Que os homens inteligentes se agreguem a nós, ou se congreguem longe de nós, pouco importa!... Se os centros de estudos se multiplicarem, tanto melhor; será um sinal de incontestável progresso, que aplaudiremos com todas as nossas forças.

Quanto às rivalidades, às tentativas que façam por nos suplantarem, temos um meio infalível de não as temer. Trabalhamos para compreender, por enriquecer

a nossa inteligência e o nosso coração; lutamos com os outros, mas lutamos com caridade e abnegação. O amor do próximo inscrito em nosso estandarte é a nossa divisa; a pesquisa da verdade, venha donde vier, o nosso único objetivo. Com tais sentimentos, enfrentamos a zombaria dos nossos adversários e as tentativas dos nossos competidores. Se nos enganarmos, não teremos o tolo amor-próprio que nos leve a obstinar-nos em idéias falsas; há, porém, princípios acerca dos quais podemos todos estar seguros de não nos enganarmos nunca: o amor do bem, a abnegação, a proscricção de todo sentimento de inveja e de ciúme. Estes princípios são os nossos; vemos neles os laços que prenderão todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões. Somente o egoísmo e a má-fé erguem entre eles barreiras intransponíveis.

Mas, qual será a conseqüência de semelhante estado de coisas?

Indubitavelmente, o proceder dos falsos irmãos poderá de momento acarretar algumas perturbações parciais, pelo que todos os esforços devem ser empregados para levá-las, ao malogro, tanto quanto possível; essas perturbações, porém, pouco tempo necessariamente durarão e não poderão ser prejudiciais ao futuro: primeiro, porque são simples manobras de oposição, fadadas a cair pela força mesma das coisas; depois, digam o que disserem, ou façam o que fizerem, ninguém seria capaz de privar a doutrina do seu caráter distintivo, da sua filosofia racional e lógica, da sua moral consoladora e regeneradora. Hoje, estão lançadas de forma inabalável as bases do Espiritismo; os livros escritos sem equívoco e postos ao alcance de todas as inteligências serão sempre a expressão clara e exata do ensino dos Espíritos e o transmitirão intacto aos que nos sucederem.

Insta não perder de vista que estamos num momento de transição e que nenhuma transição se opera sem conflito. Ninguém, pois, deve espantar-se de que certas paixões se agitem, por efeito de ambições malogradas, de interesses feridos, de pretensões frustradas. Pouco a pouco, porém, tudo se extingue, a febre se abranda, os homens passam e as novas idéias permanecem. Espíritas, se quereis ser invencíveis, sede benévolos e caridosos; o bem é uma couraça contra a qual sempre se quebrarão as manobras da malevolência!...

Nada, pois, temamos: o futuro nos pertence. Deixemos que os nossos adversários se debatam, apertados pela verdade que os ofusca; qualquer oposição é impotente contra a evidência, que inevitavelmente triunfa pela força mesma das coisas. É uma questão de tempo a vulgarização universal do Espiritismo e neste século o tempo marcha a passo de gigante, sob a impulsão do progresso.

Allan Kardec

Observação – Como complemento deste artigo, publicamos uma instrução que sobre o mesmo assunto Allan Kardec deu, logo que voltou ao mundo dos Espíritos. Parece-nos interessante, para os nossos leitores, juntar às páginas eloqüentes e viris que se acabam de ler a opinião atual do organizador por excelência da nossa filosofia.

(Paris, novembro de 1869)

FEB Dezembro 1969 Página: 490

Quando eu me achava corporalmente entre vós, disse muitas vezes que havia de fazer aí uma história do Espiritismo, que não seria destituída de interesse. É este, ainda agora, o meu parecer e os elementos que eu reunira para esse fim poderão servir um dia à realização da minha ideia. É que eu, com efeito, me encontrava mais bem colocado do que qualquer outro para apreciar o curioso espetáculo que a descoberta e a vulgarização de uma grande verdade provocara. Pressentia outrora, hoje sei, que ordem maravilhosa e que harmonia inconcebível presidem à concentração de todos os documentos destinados a dar nascimento à nova obra. A benevolência, a boa vontade, o devotamento absoluto de uns; a má-fé, a hipocrisia, as maldosas manobras de outros, tudo concorre para garantir a estabilidade do edifício que se eleva. Nas mãos das potestades superiores, que presidem a todos os progressos, as resistências inconscientes ou simuladas, os ataques visando semear o descrédito e o ridículo, se tornam elementos de elaboração.

Que não têm feito! Que é o que não têm posto em ação para asfixiar no berço a criança!

A princípio o charlatanismo e a superstição quiseram, ora um, ora outra, apoderar-se dos nossos princípios, a fim de os explorarem em proveito próprio; todos os raios da imprensa se projetaram contra nós; chasquearam das coisas mais respeitáveis; atribuíram aos Espíritos do mal os ensinamentos dos Espíritos mais dignos da admiração e da veneração universais; entretanto, todos esses esforços conjugados mais não conseguiram, senão proclamar a impotência dos nossos adversários.

É dentro dessa luta incessante contra os preconceitos firmados, contra erros acreditados, que se aprende a conhecer os homens. Eu sabia, ao consagrar-me à obra de minha predileção, que me expunha ao ódio, à inveja e ao ciúme dos outros. O caminho se achava inçado de dificuldades que de contínuo se renovavam. Nada podendo contra a doutrina, atiravam-se ao homem; mas, por esse lado, eu me sentia forte, porque renunciara à minha personalidade. Que me importavam os esforços da calúnia; a minha consciência e a grandeza do objetivo me faziam esquecer de boa vontade as urzes e os espinhos da estrada. Os testemunhos de simpatia e de estima, que recebi dos que me souberam apreciar, constituíram a mais estimável recompensa que eu jamais ambicionara. Mas, ah! quantas vezes teria sucumbido ao peso da minha tarefa, se a afeição e o reconhecimento de muitos não me houvessem feito olvidar a ingratidão e a injustiça de alguns, porquanto, se os ataques contra mim dirigidos sempre me encontraram insensível, penosamente magoado me sentia, devo dizê-lo, todas as vezes que descobria falsos amigos entre aqueles com quem mais contava.

Se é justo censurar os que hão tentado explorar o Espiritismo ou desnaturá-lo em seus escritos, sem o terem previamente estudado, quão mais culpados não são os que, depois de lhe haverem assimilado todos os princípios, não contentes

de se lhe apartarem do seio, contra ele voltaram todos os seus esforços! É, sobretudo, para os desertores dessa categoria que devemos implorar a misericórdia divina, pois que apagaram voluntariamente o facho que os iluminava e com o qual podiam esclarecer os outros. Eles, por isso, logo perdem a proteção dos Espíritos bons e, conforme a triste experiência que temos feito, bem depressa chegam, de queda em queda, às mais críticas situações!

Desde que voltei para o mundo dos Espíritos, tornei a ver alguns desses infelizes! Arrependem-se agora; lamentam a inação em que ficaram e a má vontade de que deram prova, sem lograrem, todavia, recuperar o tempo perdido!... Tornarão em breve à Terra, com o firme propósito de concorrerem ativamente para o progresso e se verão ainda em luta com as tendências antigas, até que triunfem definitivamente.

Fora de crer que os espíritas de hoje, esclarecidos por esses exemplos, evitariam cair nos mesmos erros. Assim, porém, não é. Ainda por longo tempo haverá irmãos falsos e amigos desassissados; mas, tal como seus irmãos mais velhos, não conseguirão que o Espiritismo saia da sua diretriz. Embora causem algumas perturbações momentâneas e puramente locais, nem por isso a doutrina periclitará. Ao contrário, os espíritas transviados bem depressa reconhecerão o erro em que incidiram e virão colaborar com maior ardor na obra por um instante abandonada e, atuando de acordo com os Espíritos superiores que dirigem as transformações humanitárias, caminharão a passo rápido para os ditos tempos prometidos à Humanidade regenerada.

Allan Kardec

Roma e o Evangelho

D. Jose Amigò Y Pellicer

26°

Novembro de 1873

"Meus irmãos e meus filhos, porque o sois de minha doutrina, fundada sobre a fé de Jesus: a paz seja convosco e a caridade em vosso espírito. Glória a Deus nas alturas e a Jesus Cristo à direita do Pai - e eu a seus pés.

Estou convosco desde que vos reunistes em espírito de verdade e em nome de Jesus - e ansiosamente sigo vossos passos.

Receava que retrocedêsseis por causa das contradições e pelo temor dos juízos do mundo! Felizmente, assim não foi, e, pois, me felicito e vos felicito.

Também tenho acompanhado vossos trabalhos em prol da propaganda cristã.

Vosso livro será o protesto da verdade humilde contra o erro triunfante e orgulhoso. Sua doce filosofia penetrará suavemente pelas entranhas do povo; será

um pequeno roedor, mas que, em sua pequenez, contribuirá eficazmente para destruir os pés do gigante.

Não é um trabalho perfeito, mas sim de grande utilidade; mais útil para o povo que alguns dos meus livros, que convirá reformar.

Talvez Roma e o Evangelho não seja o último que tendes de publicar em defesa das verdades cristãs. Pedi e dar-se-vos-á, disse Jesus, nosso divino Mestre.

Esvaziai vosso coração de suas impurezas e pesai vossas obras e vossos hábitos na balança do dever. Não vos peço impossíveis; mas, porque vos amo, vos aconselho, e continuarei aconselhando-vos por amor e por dever. Sede perseverantes no bem, como é o Pai em suas misericórdias.

A paz seja convosco, e a caridade em nosso espírito.

Allan Kardec."

30° Abril de 1874

"Irmãos congregados! Chegastes ao segundo período das vossas excursões no campo da verdade religiosa, do Cristianismo em sua primitiva e celestial pureza. No primeiro período estudastes, observastes, encheistes a vossa mente e o vosso coração com as verdades que, como luminosos raios do sol da inteligência, varreram as nuvens amontoadas no céu das vossas convicções, e pudestes alimentar-vos com os sentimentos que nascem e se desenvolvem ao puríssimo calor dos dons e das graças do Altíssimo. Ditosos sereis, se souberdes aproveitar das riquezas semeadas, sob os vossos passos, no primeiro período dos vossos ensaios e estudos religiosos.

Entrastes no segundo período, irmãos congregados, e venho fazer-vos algumas indicações, que espero e vos rogo não olvideis: Tendes estudado e observado, e é chegado o momento de praticar os vossos estudos. Os bons Espíritos vos observam dos mundos da luz; eles foram para vós emissários da misericórdia do Eterno e esperam ansiosos o vosso progresso e o fruto dos seus desvelos. Obrigá-los-eis a arrependem-se da confiança, que depositaram em vós e a voltar-vos as costas com desprezo? E não somente eles, mas também os da Terra, vos seguem com as suas vistas, prontos a julgar pelas vossas obras a bondade das doutrinas que difundis com a palavra.

Sois cristãos ou não? respondei. Se o sois, não me respondais com a palavra, mas com os vossos sentimentos e com a vossa conduta. Em vão direis que o sois, se as vossas obras desmentirem o que a vossa língua afirma; porque só passa como verdadeiro cristão aquele que tem o Cristo no coração e trilha as

veredas da caridade que o Cristo abriu à Humanidade inteira. Em vão ficareis entusiasmados com a leitura das revelações obtidas, se não traduzirdes o vosso entusiasmo em fatos que se harmonizem com a magnitude das instruções reveladas. Ignorais porventura que os erros da igreja pequena tiveram princípio no falso cristianismo do coração de seus doutores?

Assim, se o vosso coração não tiver em mira a caridade e a humildade, sereis abandonados pelo gênio do verdadeiro Cristianismo, que vos cobriu com suas asas; divagareis de novo pelas solidões do espírito, castigo das almas frívolas e infecundas para o bem.

Cumpram-vos, sobretudo, irmãos congregados, não esquecer, antes deveis tê-lo constantemente em vista, que o Espiritismo é o próprio Cristianismo, e que tudo o que é alheio e contrário às doutrinas evangélicas, à palavra e ao Espírito do Cristo, deve ser alheio e contrário à vossa palavra e ao pensamento que há de guiar-vos, como uma estrela, na segunda jornada dos vossos estudos religiosos.

Alheio e contrário à palavra e ao Espírito de Jesus é o domínio do orgulho; alheia e contrária é a hipocrisia; alheio e contrário é o apego aos prazeres e bens temporários; alheios e contrários são o egoísmo, a ociosidade, os zelos invejosos, a revolta, o ódio e a lisonja; em uma palavra, tudo aquilo que é alheio e contrário aos conselhos e preceitos de uma consciência sã e ilustrada, é contrário e alheio à seiva do Cristianismo, e é para vós uma árvore de prova e um fruto de proibição. A cena bíblica, do paraíso repete-se todos os dias; a árvore da ciência não morreu; cresce e estende os seus ramos sobre a Terra; e a serpente enroscada no tronco da árvore, se não no coração de cada um dos homens, convida-os, com os seus mentidos afagos, à infração do preceito.

Leio no vosso pensamento, e, discorrendo sobre o maior ou menor preço das minhas palavras, vejo que dizeis convosco: Amor, caridade, simplicidade, adoração, pureza, tudo isso é muito bom, mas já o sabíamos; era melhor que nos falassem de outros pontos por nós ignorados, de alguma coisa que se refira ao mundo dos Espíritos e à sua admirável ação. Para que repetir-nos hoje, amanhã e sempre os mesmos conselhos e preceitos?

Oh! irmãos congregados. Julgais que os Espíritos de conselho tenham por missão satisfazer a vã curiosidade, o orgulho, o amor-próprio e os caprichos dos homens? Não sejais injustos, eu vo-lo rogo, em benefício de vós mesmos; e, a fim de que julgueis com mais acerto e retidão, proponho-me a falar-vos também do formoso, do celestial ministério dos Espíritos de luz.

Antes, porém, tenho de falar-vos de outras coisas que vos tocam mais de perto, porque se referem a vós; antes de vos elevardes sobre as nuvens, é necessário que conheçais a Terra que os vossos pés pisam e os laços que a ela vos prendem.

Eu deixaria de cumprir a missão que me traz ao vosso centro se, oferecendo à vossa consideração o belíssimo quadro das harmonias celestes, deixasse de mostrar-vos o caminho pelo qual podeis em pouco tempo entrar no gozo dessas venturosas harmonias. Sem o consolador auxílio da

Providência, que nunca. deixa as criaturas abandonadas às suas próprias forças, em vão buscareis elevar-vos sobre as misérias da Terra e sobre o lodo das debilidades humanas: as vossas asas inexperientes se derreteriam ao sopro corrupto e abrasador das paixões engendradas pelo egoísmo e pelo orgulho.

Uma só palavra explica e sintetiza toda a moral, toda a lei e toda a revelação, desde o começo do mundo até hoje; a fórmula universal do progresso, da virtude e da felicidade é o próprio Verbo divino revelado e a luz que sobre os homens ele irradia das alturas do pensamento infinito. Será preciso citar-vos essa palavra? Julgo que não; porque, sem esforço, ela vos ocorrerá a todos; mas, seria melhor, muito melhor que, em vez de tê-la escrita na vossa mente, a sentísseis, enchendo o vosso coração e comovendo incessantemente as suas fibras.

Pois bem; essa palavra caridade, que todos evocais espontaneamente, sem eu precisar repeti-la, é a fórmula que são chamados a resolver no segundo período dos vossos estudos religiosos; é a caridade prática, como no primeiro período em que discorrestes, sobre as suas belezas e excelências, no terreno filosófico. Já vos manifestei que o Espiritismo e o Cristianismo são uma mesma coisa; agora vos direi mais que ambas essas palavras significam caridade, sem a qual não há espírito verdadeiramente cristão.

Caridade! palavra amorosa, manjar divino das almas puras, dos Espíritos de Deus! Os anjos, a pronuncia-la, uma suave harmonia enche os céus e uma ditosa corrente de inefáveis doçuras se estabelece entre o sólio do Altíssimo e a morada dos homens. É a escada de Jacob; por ela sobem os ais, os desejos e as preces, - por ela descem, ao coração humano, os consolos, as esperanças e os primeiros crepúsculos da felicidade imortal.

Mas, ah! Quão diminuto eco acha, no coração do homem, a palavra caridade! Muitos lábios a pronunciam, porém ela não vem do íntimo da alma. Escrita na mente, pronunciam-na com frieza, quando essa palavra devia sair envolta em turbilhões de chamas, porque a caridade é o fogo purificador que consome todas as impurezas e imperfeições das criaturas formadas pela soberana vontade.

Tende franqueado ao vosso coração o mundo das misérias humanas, vastíssimo campo em que podeis e deveis exercitar e desenvolver os germens do amor com que Deus enriqueceu as vossas almas, assim como exercitastes e cultivastes o entendimento no campo das especulações filosóficas.

Pensastes e meditastes em matéria de religião; é agora chegada à ocasião de senti-la se não quiserdes ficar responsáveis pelos sentimentos recolhidos na primeira jornada da vossa viagem ao mundo da verdade.

A religião é antes sentimento, que conhecimento; por isso, vemos muitos ignorantes crendo em Deus e amando-o sem conhecê-lo, e muitos sábios que, conhecendo-o até onde pode alcançar a sabedoria humana, não o amam, nem respeitam os decretos da sua soberana vontade. Por isso, o julgamento do primeiro será bom, visto ter cumprido a lei pela bondade do seu coração; e o julgamento do segundo será o castigo, porque conheceu a lei do bem e desprezou-a com a frieza e com o orgulho do seu espírito.

Nenhum homem é condenado por não saber, mas sim por deixar de sentir, porque o livro da sabedoria é um livro geralmente fechado; mas o livro do sentimento é um livro universalmente aberto. Não é dado a todos possuir os segredos da Ciência, mas sim as doçuras do sentimento, cujos tesouros estão à vista de todas as criaturas, disseminados no Universo pela mão da misericordiosa Providência. Desde o rei dos astros, radiante e orgulhoso, até o modesto lampadário; desde o majestoso cedro que eleva a sua copa ameaçando romper as nuvens, até a humilde erva que se alastra no solo; desde a águia até o inseto; desde o leão até o réptil e até o gusano; desde o monarca até o último dos seus servos; desde o palácio da abundância e do prazer até a choça da miséria e da dor; em tudo se veem outras tantas páginas do livro do sentimento, sempre aberto à consideração dos mortais.

Sois obrigados a sentir. E não vos admireis de que eu chame energicamente a vossa atenção para o sentimento e a sua necessidade, porque, sem ele, serão inúteis todos os esforços que empregardes para pertencer ao número dos verdadeiros cristãos, dos discípulos e imitadores de Jesus, pois ele era toda caridade. Sereis cristãos especulativos e nada mais; árvores sem fruto, que o pai da família mandará arrancar, para lançá-las ao fogo.

O sentimento é tudo, e por isso ele está ao alcance de todos. É mais que a Ciência, porque a Ciência achá-la-eis entre os ímpios e entre os justos; e é mais que a filantropia, porque também os maus fazem às vezes boas obras. O que realmente sente, faz, se lhe é possível, as obras do sentimento, e mesmo, quando, por lhe não ser possível, não as faça perante a lei, elas são reputadas como feitas e indicadas à justiça.

Vede, pois, a norma do vosso dever na segunda jornada dos vossos estudos religiosos, que é a jornada decisiva do vosso porvir; vede-a e segui-a sem desviar-vos. Oh, irmãos. Tremeo ao pensar que algum de vós pode ser chamado ao juízo com o gelo no coração, depois das luzes que a onipotente mão do Excelso tão profusamente derramou sobre as vossas cabeças.

O sentimento é o amor, e o amor é a lei; vede, portanto, que, para o cumprimento da lei, é necessário, indispensável, que ameis. O amor cobre a multidão dos pecados, porque é a chama que purifica e o bálsamo que consola. O que ama, pratica. exclusivamente o bem, que é a reparação do mal, e a felicidade será o prêmio das suas obras amorosas. Amai, irmãos congregados; amai, meus filhos, e no ministério do amor achareis o ministério dos Espíritos perfeitos.

Estes são, pelo amor e para o amor, os mensageiros cumpridores e os guardas da vontade excelsa, dessa vontade eternamente ativa, que é a lei da criação, dessa vontade que acende os celestes luzeiros e a inteligência do homem, dessa vontade que, penetrando todos os seres e todo o espaço, infundem por toda parte a força e multiplica a vida.

Seres de luz, os Espíritos puros e perfeitos têm por missão refletir sobre os demais, a luz que recebem do inextinguível foco da sabedoria de Deus; seres ditosos pelo amor, é seu dever a caridade, por cuja virtude se desprenderam de impurezas e imperfeições e se elevaram às moradas felizes onde não se

conhecem as misérias da Terra, nem as tormentas do coração, nem as veleidades do espírito; moradas de felicidade sempre perene, porque é a felicidade do dever, e o dever está eternamente no seu princípio. Se o dever se esgotasse aí, no mesmo momento se acabaria a lei de felicidade.

Oh! Que formosíssima é a missão dos mensageiros do amor e dos Espíritos da luz! Pela luz e pelo amor, eles foram glorificados e aspiram constantemente à glorificação dos demais pelo amor e pela luz. Com a velocidade do pensamento, circulam sem cessar e sem cansar-se ao redor dos orbes imensos que se movem nos infinitos seios do espaço, orbes que vêm a ser células da colmeia universal, em cada uma das quais os Espíritos puros vão depositar o mel da sua caridade.

O ministério que, desde a sua elevação, os Espíritos de luz exercem, vós podeis, embora em menor escala, exercer igualmente na Terra. Eles veem diante de si a infinidade de mundos que necessitam do seu amor; estais rodeados de uma infinidade de seres, para os quais o orvalho da vossa caridade é o progresso, a regeneração, a vida e a felicidade do porvir. Quantas vezes o homem que ama seus irmãos exerce a caridade, sem suspeitar que as suas obras na Terra são o prelúdio de missão espiritual nas regiões celestiais! A caridade, irmãos congregados, é uma árvore cuja raiz está no misterioso e fecundo seio do Criador, e cujos ramos, carregados de frutos e perfumes, se estendem em todas as direções, derramando benéfica sombra sobre as moradas esparsas no Universo, que é a casa do Senhor.

Dizeis que sois espíritas, irmãos; é bom, eu vos felicito. Sois hoje melhores do que ontem? Sereis amanhã melhores do que hoje, e ireis melhorando cada dia? Comove-vos o espetáculo da natureza e a contemplação do céu? Derramais lágrimas do coração à vista das desditas alheias? Amais, caros irmãos, amais?

O Espiritismo, que é o Cristianismo, que é a caridade, permite-me repeti-lo, não se reduz a discorrer e a propagar, mas exige, antes de tudo e sobretudo, o sentimento, que é o princípio e a fonte das obras que nos aproximam da perfeição e de Deus. Aquele que se cinge ao conhecimento e à prédica das verdades cristãs, mas sem as sentir nem aplicar, assemelha-se ao que descobriu um abismo e que, não obstante, se precipita nele, apesar de dar os demais avisos do perigo.

Que minhas palavras não sejam para vós um motivo de desalento; demasiado conheço as debilidades da natureza humana, para estranharem as vossas e poder exigir que vos liberteis rapidamente de todas as impurezas. Como poderei exigir de vós o que foi e é ainda impossível para mim. Eu não faço outra coisa senão chamar a vossa vontade e os vossos sentimentos para o bem, mostrar-vos o caminho que juntos temos de percorrer, para nos aproximarmos da idéia sempre progressiva da perfeição espiritual.

Os anjos do Senhor, esses ditosos seres que bebem o amor em seu divino manancial, e dos quais, como de outras tantas fontes, emana a caridade que rege e fecunda as pobres plantas humanas esparsas pelo Universo, os anjos do Senhor descerraram aos olhos de minha alma um dos véus que escondiam a luz da verdade, a fim de que eu possa fazer e fazer o mesmo convosco.

E como vi que a verdade está na virtude e só na virtude, chamei-vos à prática do amor, compêndio de todas as virtudes irradiadas do divino foco.

Vou terminar, irmãos congregados. Sejam todos, cada dia melhores em Jesus; o seu jugo é suave e podem carregá-lo ainda os mais débeis e imperfeitos. Tomemos cada um a nossa cruz com resignação e amor, e, subindo assim o Calvário da expiação, da reparação e da prova, imitaremos a Jesus nos merecimentos, para sermos depois glorificados ao seu lado pela virtude da sua doutrina.

Allan Kardec."

DO PAÍS DA LUZ – VOL II

ALLAN KARDEC (Espírito)
Fernando de Lacerda

XXIX

ALLAN KARDEC

Foi o compilador e principal evangelizador da doutrina espírita. Os seus livros são o repositório da filosofia espírita, ao mesmo tempo que contem seguras indicações para base do estudo experimental do Espiritismo.

Agora, depois de reconhecido por ti, apraz-me, sinceramente, louvar-te pela tua obra de propaganda e de divulgação.

São volvidos poucos anos após aquele em que tomei sobre mim o pesado encargo de coordenar e publicar os ensinamentos dados pelos Espíritos; e foi necessária não pequena dose de energia e coragem moral para arrostar contra a ignorância de uns, contra a indiferença de outros, e, acima de tudo, contra a maldade daqueles a quem a santidade e pureza da doutrina revelada podia prejudicar. Eles, os meus conselheiros e amigos de então, e agora meus companheiros, não me abandonavam nunca; e ao seu auxílio, autorizadíssimo e potente, eu devi, em grande parte, o ter força e vontade para arrostar com todas as campanhas que se me moveram.

Eu, porém, era nada. Simples instrumento da vontade do Mestre e dos seus obreiros, dei o meu nome e a minha ação material para a grande obra.

Talvez ainda desse menos do que tu.

Eu dava o estudo, a compilação, e tu dás a própria ação.

Tu e eu, porém, como todos aqueles que se dedicam com fé e com amor à grande causa do aperfeiçoamento humano, somos meros trabalhadores da obra

imortal. Em nada nos devemos desvanecer, e em nada temos que vangloriarmos de méritos que não possuímos.

Só temos e que dar louvores e agradecimentos a quem, para esta ação meritória nos escolheu, sem pensarmos, entretanto, se somos melhores ou piores do que aqueles que para tanto não foram escolhidos.

Do mesmo madeiro se tira pau para esculturas, santas e para formas de calçado; e, por ter diverso destino, não deixou de ter sido alimentado pelas mesmas raízes, criado no mesmo solo e ferido pelo mesmo lenhador. E sucede, por vezes, que a parte a que coube o altar e a adoração, não é a mais sã nem a mais limpa no tronco. Não te envaideças, pois, pela faculdade que possuis.

Extrai dela, sempre que possas, o que de melhor ela possa dar. Não te deixes cegar pela lisonja nem daí nem daqui; assim como te não deixes intimidar com os doestos, as críticas, e, porventura, os insultos com que sejas acolhido. Recorda-te que a vida aí é uma simples transição. Tudo, obedecendo a uma lei comum, transita e passa. O que se demora e fica, ou pelo menos nos dá a impressão da paragem, é a verdade. Ora, a verdade está na doutrina que servimos, e todo aquele que bem a serve, dela receberá recompensa.

Se te malsinarem, apieda-te de quem o fizer; se responderes, sê sereno, e não olvides nunca que responderas a quem é mais infeliz do que tu, porque ainda lhe não chegou a hora de conhecer a verdade.

És facilmente irritável. Precisas combater tenazmente essa fraqueza da tua vontade.

Quem apostoliza precisa mais de humildade, do que de violência; mais de autoridade do que de cólera. Foi pela humildade que o Mestre conquistou o mundo; foi pela humildade que os seus discípulos consolidaram a doutrina.

Francisco Xavier, só e humilde, conquistou mais almas para o Cristianismo do que todos os cruzados, com os seus aguerridos exércitos e as suas poderosas armadas.

O pobre só se impunha pela simplicidade e pela verdade; os guerreiros pela tirania e pela chacina. Um era o amor e a paz, os outros eram o terror e a desolação; um levava a esperança, os outros o desespero; um levava o alívio às dores, os outros faziam dores para que não havia alívio; por isso o hábito roto e as sandálias humildes do apóstolo ficaram sendo veneradas, e as reluzentes armaduras dos príncipes rapaces e fanáticos, execradas.

Uma ideia, ainda que má, exposta em tranquila prédica, é mais suscetível de converter incrédulos, do que a mais pura ideia, imposta com intolerância.

Perdoa que nós insistamos de vez em quando nestes conselhos. São indispensáveis. Não há aí quem tão limpo esteja dos maus assomos da vaidade e da irritabilidade, que receba sempre, a sangue frio, os golpes vibrados por quem saiba ferir aquelas duas fraquezas espirituais.

Companheiro. E' incontroverso que depois que da Terra sai, alguma coisa aprendi mais do que o que nela sabia. Este novo pecúlio de saber seria talvez proveitoso a refundição da minha obra aí.

Tenho refletido muito nisso, por vezes. Sempre que encontro na Terra um médium bom, crio desejos de fazê-lo;
- e agora; que tenho assistido ao desabrochar das tuas faculdades, mais uma vez pensei, com interesse, na possibilidade de fazer esse trabalho de melhoramento, de aperfeiçoamento.

Penso, porém, ao mesmo tempo, que me devo contentar com o que deixei feito.

Assim como é, tem servido bem para o fim a que a destinaram os Espíritos que a ela presidiam, e os que se me seguirem aí, que busquem, no campo especulativo, o que por mal meu e dela lhe possa faltar ainda.

No campo experimental, ilustres e prestantíssimos sábios se lhe tem avantajado em muito.

A parte experimental é, porém, efêmera. Boa para a conquista, não tem, todavia, qualidades de estabilidade e de conservação. Como fenômeno experimentado, entra na ordem das coisas concretas, e para estas coisas, o aperfeiçoamento é mais sensível, porque a natureza delas é mais precária.

Uma obra experimental de grande atualidade e verdade hoje, daqui a dez anos será velha, se a não acompanhar, como parte integrante e auxiliar, a feição abstrata e ideal.

Os meus livros, no que tem de prático, sob o ponto de vista experimental, estão antiquados e suplantados, de há muito, por dezenas de outras obras de mais incontestado e incontestável valor, daquela ordem de estudos. O que, porém, neles existe da parte moral e de ensinamento, ainda não foi nem será facilmente sobrepujado. E' que, neste campo, eles estão com a verdade, e a verdade, apresentada sob que aspecto for, e sempre a verdade. E' tão nova hoje, como no tempo do Cristo, como no tempo dos profetas, como em qualquer tempo.

Como disse Littré na sua comunicação: - sobre filosofia, o homem está hoje tão adiantado como há milhares de anos...

Ora a filosofia e a verdade espiritual na Terra.

Sendo assim, para que hei-de mexer na minha obra?

O que tem de bom, há-de ser bom sempre. O que não é bom já está destruído pelo tempo e substituído vantajosamente por todos os trabalhos dos que, com mais valor, me sucederam.

Se, porém, eu reconhecer necessidade e oportunidade para dizer alguma coisa de novo e de útil, o farei; assim como terei sempre grandíssimo prazer em te responder sobre qualquer assunto, ou sobre qualquer detalhe, em que me dêes a satisfação de me consultares. Digo-te isto despreziosamente. Não me ofereço. Conselhos não se oferecem.

Ponho-me à tua disposição, para te utilizares do meu préstimo e da minha experiência, se nisso vires alguma vantagem; mas não me magoarei se me não utilizares.

E que Deus te ilumine sempre a estrada a percorreres.

Lisboa, 6 de maio de 1907.

O GÊNIO CÉLTICO E O MUNDO INVISÍVEL

LÉON DENIS

Cap. VIII página 135

Allan Kardec (Espírito)

“Quereríamos inspirar aos nossos políticos o espírito da tradição céltica, honestidade, afim de que homens novos possam chegar para regenerar o nosso país. Vemos claramente os pensamentos entrelaçados que formam como que misturas de múltiplas cores. As paixões obstruem a formação dos pensamentos elevados. O Materialismo é inerente a uma geração que apenas experimentou na sua precedente existência os gozos baixos, e que, no astral, permaneceu em esferas de uma densidade muito espessa. Retornou à vida com apetites mal saciados.

“Pensei que devia retirar, da minha consciência profunda, a chama de fé ardente, de luz pura, que me foi legada pela minha existência céltica, para tentar lançar sobre certos humanos um raio inspirador.

“Como temos a facilidade, no espaço, de recordar as nossas existências, quando estamos numa esfera de densidade média, agrupamo-nos espiritualmente, assim como na nossa vida terrestre as paixões e as aspirações agrupam-se de acordo com as suas afinidades. Por um lado, os grandes filósofos da antiguidade, os iniciados das antigas religiões, quando estão de regresso ao espaço, ajudam-nos. Os ascetas, os budistas, são agentes poderosos para ajudar a dissociar a matéria que pesa sobre os seres carnis das vossas regiões. Sabeis que alguns dentre eles tinham um vasto poder de radiação.

“Os Druidas deixaram na alma das gerações primitivas que habitaram o vosso solo uma centelha que ficou latente no fundo de cada consciência. Isso faz com que a esperança não esteja perdida de reavivar uma chama que dorme nalguns dentre vós.

“Temos como missão agrupar os verdadeiros Celtas que são a própria essência da França. Posso falar-vos disso, porque eu mesmo vivi na Bretanha, fui Druida em Huelgoat. Mais tarde, à beira do mar, por um favor insigne, senti as forças emanadas do círculo superior e a minha fé tornou-se viva e forte, seguiu-me nas minhas existências ulteriores, até àquela onde me haveis conhecido.

“Fui recompensado, dado que as intuições mantiveram suficientemente a pequena chama interna e, recordando-me das leis da vida universal, eu acreditei dever espalhar a doutrina que conheceis e que tinha permanecido inscrita no fundo do meu super-espírito.»

Nº 1 - FONTE ÚNICA DAS TRÊS GRANDES DIVULGAÇÕES: BUDISTA, CRISTÃ E CELTICA.

Estou feliz de descer até vós, porque experimento uma satisfação moral, um prazer real, sentindo-me bem adaptado a seres que desenvolvem radiações sensivelmente idênticas às do meu *perispírito*. Isto mostra-nos que é necessária a adaptação fluídica para podermos compreender-nos, trocar pensamentos e pontos de vista de acordo com os meios nos quais se quer descer. Cada indivíduo projeta uma radiação em relação com o número das suas existências; e a riqueza molecular dos fluidos que compõem o seu eu psíquico está igualmente em relação direta com os trabalhos, as provas ultrapassadas, o esforço continuado através das suas existências, quer num mundo, quer no espaço. Acrescento que me é particularmente agradável descer neste país de França, o qual amei, habitei materialmente desde o Armórico até ao Maurienne.*

Cada território desenvolveu em mim perspectivas que não se perderão nunca. Celta, impregnei-me desta mística que havia trazido estremecidamente do espaço. Seguidamente, na minha penúltima existência, em Savóia, adquiri uma resistência moral que me foi necessária para pregar a doutrina que conheceis. Mas primeiro, falemos da existência que iniciei na Bretanha, e que funcionou como a existência iniciadora projetando no meu ser a faúlha da vida universal. Esta centelha brilhou mais ou menos ao longo das minhas diferentes vidas, consoante procurava adquirir tal ou tal qualidade aproximada, mais ou menos, da matéria ou do espírito.

Há seres que não conseguem admitir as existências sucessivas. Neles, a faúlha inicial continua oculta, porque a luta material os absorve totalmente. Há existências de fé, há existências de trabalho, porque é uma lei imutável, um dos princípios fundamentais é o de que o ser se desenvolve através de alternativas para recolher os germes salutares que devem ajudá-lo a progredir nos espaços.

Deus projetou a parcela de luz que é a alma, e esta radiação de pensamento divino deve chegar, por transformações e crescimentos sucessivos, a formar um foco radiante que contribuirá para a manutenção e para o equilíbrio da atmosfera dos mundos. Esse é um preceito de ordem geral que indica a necessidade da pluralidade das vidas.

As primeiras sociedades humanas que povoaram a vossa terra trouxeram o esboço das civilizações futuras; em certos pontos, a iniciação espiritual avançou bastante, os Egípcios, os Celtas, os Gregos, por exemplo, traziam em si focos brilhantes que paralisavam as forças materiais. Elementos do progresso estavam já, por eles, implantados no vosso globo. O vai e vem dos seres que viverão alternativamente à sua superfície, depois no espaço, poderá a partir daí prosseguir com regularidade.

Os novos habitantes, de acordo com o seu grau de evolução, provirão de grupos pertencentes a mundos inferiores, quer existentes, quer desaparecidos. Estas considerações de ordem geral eram necessárias antes de falar mais particularmente da França, da sua influência fluídica e da sua influência no mundo.

A ideia céltica sendo a própria essência, imanente da fonte divina e representante do espírito de pureza na raça, deve iluminar, através dos séculos, a alma nacional. É a ascensão para as esferas superiores, o conhecimento inicial do foco divino, a sobrevivência do pensamento, a correlação das almas e dos mundos, a orientação para um objetivo que deve iluminar-se e precisar-se na medida da nossa evolução.

O celtismo é o raio que mostra o caminho aos estudos psíquicos futuros. Foi nele que se enxertou, no vosso país, o pensamento do cristianismo, tal como o próprio cristianismo se impregnou desse outro raio, o misticismo oriental.

Existem no vosso mundo certos pontos privilegiados fluidicamente que são como espelhos, condensadores e refletores de fluidos, destinados a fazer vibrar os cérebros e os corações dos povos do planeta. Nestes pontos, três focos se acenderam: o foco oriental nas Índias; o foco cristão na Palestina; o foco céltico no Ocidente e no Norte.

Se estudarmos a gênese dos fenômenos que concretizaram as doutrinas, vê-se que a causa superior continua a mesma e que o vosso planeta é tocado por estas correntes, ou feixes de ondas superiores, que são as verdadeiras artérias da vida universal.

Pela vossa evolução, produz-se agora um novo foco radiante de pensamento que mostrará à humanidade toda a beleza, a grandeza, o poder da obra divina.

* Nota de tradução: Vale dos Alpes franceses (Savoie)

ALLAN KARDEC.
12 de junho de 1926.

Nº 2. - EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ATRAVÉS DOS SÉCULOS.

Na nossa última conversação falei-vos dos três grandes focos espiritualistas surgidos na terra para iluminar a marcha da humanidade. O foco oriental foi colocado em ação por Espíritos das esferas superiores cuja missão era escolher os seres que mais se aproximavam da natureza. Queriam demonstrar que o ser carnal, libertando-se das paixões, podia entrar em contacto directo com as grandes correntes superiores que devem ajudar à evolução das sociedades terrestres. Teríeis a prova disso no estudo da existência dos grandes padres Indus, dos Lamas que tomavam Buda como exemplo e procuravam, sobretudo, imunizar-se contra os fluidos materiais que percorriam a terra.

Os Espíritos superiores tinham atuado numa região onde a humanidade está menos sujeita aos desejos da paixão. Quero falar dos monges do Tibete, e em

seguida de certos seres da Índia. Vejamos então um fato adquirido: o ser humano, em certas condições de isolamento, de ascetismo e de aspirações elevadas, pode sentir-se em constante relação com os mundos superiores. Os antepassados dos médiuns estão lá; chegarão a provar a sua existência à humanidade, mas não deverão dividir-se, desperdiçar as suas forças, é por isso que permanecerão no círculo oriental.

Para que o pensamento humano fosse tocado numa forma mais concreta, foi necessária a vinda do Cristo que, ele se misturasse intimamente com as multidões. O Cristo, tal como os iniciados da Índia, transportava em si inúmeras centelhas da força divina. Esta força divina transmitia-se pela sua palavra e pela ação dos apóstolos. Mas em certos pontos da terra, e particularmente na vossa Gália, os padres celtas, os Druidas transmitiam igualmente os raios do foco divino simbolizando-os à sua maneira, ou seja, inspirando-se mais particularmente junto à natureza.

Os Druidas, como o Lama, retiravam das fontes geradoras do espaço as forças que despertavam a sua fé e dirigiam-nas para o foco superior. As formas podem variar, mas no círculo do Oriente, no cristianismo e nos Druidas, há um ponto absolutamente idêntico: é que o ser humano, quando sabe distanciar-se das atrações materiais, vibra o suficiente para perceber as emissões dos grandes lares celestes. Os padres do Oriente, o Cristo e os Druidas estavam impregnados destas ondas poderosas e, por conseguinte, podiam produzir os fenômenos que impressionavam as multidões.

Nos vossos tempos modernos, o magnetismo, que é uma das formas do dinamismo universal, desempenha um papel importante para todos os que constituem pólos atrativos e sabem usar da oração.

É necessário reconhecer que entre os Druidas, se produziam abusos, por exemplo os sacrifícios humanos, últimos vestígios de uma grosseira barbárie e destinados a chocar as massas.

Desde a origem destes três grandes focos de divulgação espiritualista, a fé e o ideal sofreram alternadamente paragens e retornos; o élan do misticismo despertou aqui e ali, sob a ação das vagas correspondentes ao estado de evolução da nossa humanidade.

Por outro lado, a ciência positiva avançou obscurecendo a fé. O dia em que um novo foco se acenderá sobre a terra suscitará uma curiosidade muito natural. Na hora presente, os centros parecem deslocar-se. Não ficarei surpreendido de ver um dia, na América, constituir-se um pólo capaz de travar o positivismo do povo americano. Este povo é, como a sua composição étnica, bastante variado, para uma perspectiva ideal. É do lado da Índia que é necessário esperar-se para ver brotar um dia fenômenos que vos interessarão ao mais elevado grau. Esta região da terra está sempre impregnada de misticismo como, na França, a vossa Bretanha conserva sempre uma fé ardente no espírito do Além.

Recentemente, realizaram-se experiências com o concurso dum ser que parecia possuir belas qualidades de transmissão fluídica; mas ele rodeou-se de apóstolos

demasiado realistas, no entanto há lá uma indicação, uma direção, uma simples linha de união que se religa aos feixes espirituais. É um ser evoluído, mas não comparável a Buda e a Cristo!

A espiritualidade deve evoluir, e em certas épocas reavivar a fé que se diluiria no materialismo. Buda, o Cristo e os Espíritos dos Druidas representam as forças superiores religadas ao foco divino e eles trabalham para manter a terra num grau de equilíbrio necessário para prosseguir a sua evolução, porque, se a espiritualidade se apagasse no vosso planeta a matéria invadi-lo-ia e terminaria por desgastá-la e dissolvê-la. A matéria deve ser mantida em suspensão pela ação superior do espírito. Na realidade, ela é apenas o ecrã sobre o qual vem refletir-se o raio da vida universal.

ALLAN KARDEC.
12 de março de 1926.

Nº 3. - MESMO ASSUNTO.

Já falei das três crenças: budista, cristã e druídica. Sabeis que a fé cristã que, em suma, é uma emanção das doutrinas orientais, se expandiu avançando em direção à Itália, seguidamente deparou-se com uma esfera independente que representava um polo de igual atrativo, constituído pelo mundo céltico. Mesmo em épocas remotas criaram-se grandes focos atrativos, seres vieram em missão após terem habitado planetas mais avançados, mais antigos do que o vosso, a fim de aí lançar, ao lado do trabalho material, a semente que alimentava a chama das consciências humanas.

O tempo não existe; o destino e a vida universal desenvolvem-se eternamente. Quando as moléculas gasosas de calor, de vapor e de água que formaram a vossa terra se condensaram para formar o protoplasma da matéria, era necessário que nos seres que deviam povoar este novo mundo, iniciados superiores viessem transmitir às consciências muito primitivas a aceitação de uma lei de ordem superior.

É por isso que no Oriente, na Palestina e na Gália se formaram focos atrativos. Se o princípio fundamental que os inspirava era o mesmo, a forma pôde variar nas suas aplicações; mas analisando estes princípios vê-se que a tese da sobrevivência eterna é aí aceite de igual modo. Os Druidas, estabelecidos nas costas, inspiraram-se junto aos elementos diretos externos pela concepção dos três círculos que sintetizam as forças naturais e morais. Existia uma iniciação em muitos graus e reencontramo-la nas formas do culto, é no cristianismo que a iniciação foi menos cultivada. Considero que a doutrina do Cristo era mais pura que outras, porque mais simples.

Os Druidas eram tanto mais iniciados quanto o seu grau pessoal de mediunidade era mais acentuado. Neles, o sacerdote, a sacerdotisa vivendo no meio da natureza, recebiam a iniciação pela intuição de uma maneira mais direta do que no culto cristão. Se analisarmos o druidismo nele reencontramos um ensinamento esotérico muito desenvolvido. Contudo o cristianismo é-lhe superior do ponto de vista humano

porque se adapta mais particularmente às fraquezas humanas, enquanto que o druidismo com as suas doutrinas de ordem elevada, considerava a raça humana como inferior. O seu ensino, melhor compreendido pelos privilegiados, conduzia as massas a certas superstições.

Em resumo, no celtismo basta reter apenas o princípio inicial; os seus sacerdotes, vivendo em contacto com a natureza, comunicavam intimamente com as forças invisíveis, mas, tendo conservado apesar de tudo moléculas materiais, daí resultava que a transmissão do seu ensinamento se deformava, negligenciando demasiado as noções de justiça e de amor, no seio duma população ainda bárbara nessa época.

Vê-se assim que as três crenças budistas, cristãs e druídicas se completam. Jesus Cristo personifica a luz das esferas quase divinas, luz que, pelas suas ondas salutares, deve iluminar, vivificar a consciência. O druidismo, extraído das fontes vivas da natureza, percebia as vibrações dos mundos e as emanações da vida universal. O que o Cristo recebia diretamente dos seres superiores, o druida obtinha-o através das correntes transmissoras do pensamento dos seres desencarnados.

Produzem-se na hora atual novas associações fluídicas, que não se condensam ainda, mas destinadas a formar um foco atrativo que será o quarto ciclo. Este aceitará a realidade da vida superior susceptível, em certas condições, de comunicar com os seres humanos dotados de conhecimentos científicos combinados com um ideal elevado. As suas convicções ajudarão a restabelecer o equilíbrio necessário entre a existência material e a inspiração espiritual.

ALLAN KARDEC.
23 de abril de 1926.

Nº 4. - CELTAS E ATLANTES.

O vosso grupo está imunizado, porque permanece longe das paixões humanas. Vós sois verdadeiramente Celtas graças à vossa vontade de permanecer na consciência primitiva da vossa raça.

Uma das formas do celtismo puro é o amor pela natureza. Esta não é o reflexo da beleza e da grandeza divina? Ela procura nos humanos as mais puras alegrias do espírito e dos sentidos; ela estabelece uma comunicação através das esferas de azul e das correntes extraterrestres.

O celtismo é ainda o amor da família, o conhecimento intuitivo das anterioridades e das afinidades; a fixação ao solo cujas radiações geológicas se assimilam às radiações individuais.

Pergunta. Há, como alguns o pretendem, uma diferença entre Celtas e Gauleses?

Resposta. Há no Celta do ponto de vista humano duas origens: a origem normanda e anglo-normanda.

Há na Bretanha indivíduos de raça mais bronzeada, de pigmento mais vermelho, talvez vindos da Atlântida, mas são espécimes isolados e raros.

Parece que teria havido entre a Atlântida e a Bretanha francesa uma ilha na qual teriam vivido estas povoações. Do país da Gasconha uma colônia teria emigrado para a ilha de Oléron.

Recordem que a chama céltica é o elemento primordial que deve manter o nacionalismo francês atual, porque a centelha vital da consciência do Francês saiu do Celta.

ALLAN KARDEC.
22 de maio de 1926.

Nº 5. - SOBRE A ORIGEM DA CORRENTE CÉLTICA

A vida dos planetas, como a dos indivíduos, deve sofrer fases sucessivas, e, de acordo com estas fases, a homogeneidade dos líquidos é mais ou menos destruída ou respeitada. A vossa Terra entrou na sua rota em contacto com uma das grandes correntes que constitui as artérias da vida universal. Esta corrente é extremamente poderosa e vai produzir efeitos diferentes consoante a natureza dos seres. Os Espíritos de ordem inferior que vagueiam entre o vosso planeta e esta corrente não podem suportar a atração fluídica que se liberta, donde a revulsão automática destes seres para a matéria. A sua influência conduzirá a um recrudescimento das baixas paixões.

Quanto aos terrestres que se comprazem na meditação e apelam às forças, às aspirações superiores, os eflúvios desta corrente atingi-los-ão e é daí que eles receberão intuições e comunicações.

Acrescentarei que esta corrente vital tem a propriedade de manter no espaço a vida perispiritual e espiritual, e na terra de iluminar as consciências evoluídas.

Podeis, por conseguinte constatar na vossa terra, no momento atual, por um lado, uma diminuição de todas as crenças elevadas, e por outro lado, um afluxo de misticismo. É por isso que o vosso estudo sobre o celtismo vem na hora exata e espero que a corrente da qual falo possa ajudar, reanimando as consciências, fazendo brilhar a chama das anterioridades.

Sabeis que um dos principais elementos da vossa raça é o celtismo, que se formou quando da constituição da Terra, quando os primeiros seres aí surgiram. O celtismo é na realidade uma projeção de faíscas provenientes de um dos feixes da vida universal.

Cada raça é influenciada por um feixe diferente, feixe cujas radiações se adaptam a certas partes do solo consoante a sua natureza.

Quando o vosso planeta estava ainda no estado de formação as suas diferentes camadas estavam já em relação direta, por vibrações, com certos feixes das artérias que animam o grande Todo.

É por isso que cada raça conservou basicamente no fundo do seu subconsciente a faúlha geradora que animou as primeiras manifestações da vida. Cada raça possui, pois, qualidades diferentes. O ser deve adquiri-las todas na sequência dos tempos,

numa ordem sucessiva e, para isso, ele deve passar pelos meios dominados por tal virtude, ou tal paixão. Observemos que a paixão não é mais uma virtude e que a virtude se altera, logo que o jacto fluídico é contaminado por ondas que podem ofuscar-lhe o brilho.

Não vos falarei da composição química das ondas que engendraram a faísca primária que anima cada povo e cada indivíduo. A França sempre guardou a sua chama primitiva. De acordo com o estudo da vossa história e da vossa pré-história a França, apesar de certas deformações, viu persistir através dos séculos, as virtudes da raça. São elas:

1º Atividade cerebral sustentada; 2º consciência no indivíduo do seu automatismo integral; 3º necessidade de misticismo e de ideal, mesmo quando a consciência do indivíduo se desviou; 4º luta constante entre a paixão e o ideal. Tais são as características da vossa raça. Em todo o território reencontramos estas qualidades fundamentais, as paixões são aí mais ou menos idênticas. Na origem foram radiações vindas do oeste que afetaram o vosso país.

Se, do espaço, tivésseis seguido a gênese de um mundo, veríeis que antes de ser entregue a si mesmo, uma espécie de rede fluídica levando-lhe o suco alimentador o cercava. O polo vibratório que alimenta a vossa raça ligou-se ao vosso planeta no Sul da Bretanha. Nesta época é verdade, não havia nem a Bretanha, nem a Gália, mas apenas uma cobertura gasosa homogênea, as vibrações estenderam-se do Sul ao norte na forma de leque, e tomaram contacto nesta direção com a cobertura gasosa. Este estado de coisas durou durante todo o período de transformação da crosta, e, quando os primeiros seres humanos apareceram, foram impregnados destas radiações.

Esta radiação primária que tocou o vosso país transmitiu-se através das gerações e das existências, porque cada ser transporta consigo no seu subconsciente a faísca vital produzida pela primeira propulsão.

Quer seja nos nossos dias, na Bretanha ou sobre as costas inglesas do sudoeste, reencontramos as mesmas características de aspirações, de ligação ao solo, que provam que as vibrações foram as mesmas em toda esta região, enquanto que quanto mais nos afastamos do centro-oeste, mais constatamos que a pureza do sentimento céltico se enfraquece.

Em resumo, o celtismo corresponde pois ao ponto de chegada de uma corrente, extraída das artérias da vida universal, e que penetrou o envoltório terrestre desde a sua formação, até ao centro-oeste. Daí provêm as faúlhas vitais sempre latentes na consciência francesa.

ALLAN KARDEC.

Nº 6. - A CORRENTE CÉLTICA E O CARÁCTER FRANCÊS.

A raça céltica que, dum modo geral, tinha surgido no vosso globo no oeste da França, estendendo-se para o noroeste, aproveitou as radiações transmitidas pelo feixe vibratório do qual já falamos. Todo o Celta puro devia, pois estar impregnado das virtudes e pensamentos, provenientes diretamente dos focos superiores. Eles traduziam-se, para os inspirados, Druidas e bardos, por um élan e um regresso à luz do espaço numa erupção de amor, de reconhecimento das alegrias experimentadas nas esferas vibratórias do astral.

À medida que nos afastamos do ponto de encontro deste raio vibratório, as virtudes primárias transmitidas por este raio enfraquecem-se; mas os seres que vão suceder-se sobre a crosta terrestre continuarão a receber, através dos feixes complementares e intermitentes, ainda que com menos intensidade, as radiações do pensamento superior.

Quanto mais o ser humano se tiver libertado da influência material, do ponto de vista vibratório, mais a sua compreensão se aproximará intuitivamente da vida extraterrestre. Tentemos reconhecer o que permanece através dos séculos da fálha primitiva, transmitida por reflexo quando da criação do vosso globo.

Na vossa raça francesa o misticismo deriva da chama céltica com a generosidade particular a esta raça; depois, à medida que subimos do centro para o norte, ele ganha um sentido cada vez mais refletido, mais moderado.

Através dos séculos, estas diversas qualidades fundiram-se para formar a vossa raça francesa. Analisando-o de perto, esta raça tem subdivisões e, se pudésseis ver ao microscópio o que permanece da faísca individual, de essência divina, poderíeis constatar que, do que ela ficou mais fortemente impregnada, foi do misticismo.

Há causas e leis que governam cada indivíduo. Todo o ser humano deve possuir as suas qualidades próprias, as suas vibrações específicas, a fim de receber e de trocar as intuições com os mundos superiores. Se lêsseis na alma de um bretão, quando ele está em oração, veríeis a pequena chama da sua consciência vibrar de uma maneira intensa sob o efeito dos raios refratários do solo e que devem alimentar a crença mística.

Se este bretão, saído do seu ambiente, for colocado em contato com um médium sincero, a sua educação esotérica tornar-se-á fácil e um grande número deles reencontraria em pouco tempo no seu subconsciente a crença pura das existências passadas.

ALLAN KARDEC.
Allan Kardec
25 de junho de 1926.

Nº 8. - MÉTODOS ESPIRITUAIS DOS DRUIDAS.

Seria interessante dar-vos a conhecer o ponto de contacto e as diferenças que existem entre as religiões orientais e o celtismo. Reencontramos no Japão os pontos fundamentais idênticos às correntes vibratórias lançadas na Bretanha.

Tendes noções precisas sobre o celtismo e sabeis que os Druidas e certos iniciados captavam estas vibrações que, menos analisadas que hoje, se traduziam neles por simples intuições.

Durante as cerimônias druídicas, os sacerdotes e as sacerdotisas caíam no estado de transe. A sacerdotisa era o médium dos druidas, melhor preservado, habitando no meio da natureza. Em geral ela era casta.

As populações desta época estavam ao abrigo do materialismo e é por isso que era necessário suscitar a sua imaginação através dos sacrifícios. Os sacrifícios, quer de seres humanos, quer de animais, eram a base das cerimônias druídicas, e eram precedidos de cantos que constituíam outros tantos apelos vibratórios próprios para facilitar as intuições. Certos druidas tinham o poder de provocar a exteriorização dos sujeitos de modo que estes, sob a influência do sono magnético, caminhavam voluntariamente para a morte.

A atmosfera terrestre nesta época e neste canto da França, sob a radiação vibratória da qual vos falei, era mais fluida que a atmosfera dos nossos dias.

Vibrações mais fortes vieram atingir a vossa terra, à medida que a sua carapaça se tornava mais espessa a natureza das vibrações transformou-se. Não podemos sempre, do ponto de vista vibratório, agir sobre o solo como o fazíamos no tempo dos Druidas, devemos limitarmo-nos a influenciar certos temperamentos susceptíveis de armazenar as forças fluídicas veículos do pensamento. Seguindo a evolução do vosso planeta constatareis que os eflúvios perdem o seu caráter volátil para emprestar mais forças vibratórias e é por aí que o cérebro humano chegará, por adaptação científica, a descobrir as fontes da alma universal.

Digo a adaptação científica, e não a ciência pura, porque a ciência deve colocar-se no caminho da orientação espiritualista, e é a consciência, iluminada pela fé, que a guiará para um maior e mais vasto conhecimento.

Para retornar aos Druidas, diremos que recorriam às invocações à natureza para colocar-se num estado de equilíbrio, capaz de fazer-lhes captar as vibrações dos pensamentos superiores. Era certo para eles que o sopro superior existe, que a terra está cercada de forças criadoras, e que a vida não se confinava aos limites das florestas bretãs. Certamente, estas forças não desenvolviam nos cérebros dos habitantes de então geniais invenções que teriam podido conduzir a uma civilização material quase espontânea. Mas o que os Druidas ensinavam já, é que a terra é uma estação que se formou fluidicamente e que deve evoluir, para depois desaparecer.

Os pensamentos dos Espíritos que tocavam os Druidas eram os das individualidades que habitam quer o espaço, quer os mundos já formados. Quando uma terra está em formação e que seres conscientes a devem povoar o primeiro afluxo que recebem é o que lhes dará de maneira imperecível a crença na vida superior e invisível. Esta crença deve transmitir através das gerações a luz da consciência que, do ponto de vista carnal, é necessária para a evolução e a transferência na pluralidade das existências.

Somos levados a falar das raças. Deixamos o druida proceder à iniciação espiritual dos habitantes de uma parte da França. O camponês bretão desta época é naturalmente um primitivo do ponto de vista da civilização humana. Através da

história reencontramo-lo, sempre imutavelmente arraigado a três grandes princípios: amor pelo sobrenatural, amor pela sua terra, amor pela sua raça. O amor do sobrenatural veio-lhe por este afluxo das radiações transmitidas pelos médiuns dos druidas, que, do ponto de vista humano, impregnou a matéria carnal dum misticismo cultivado por uma imaginação religiosa e uma fé ardente por tudo o que é oculto. Daí um temor da vida futura no caso de impiedade para com o Criador. Daí derivam a ingenuidade mística das multidões e também a elevação sincera que inspira a abnegação nos marinheiros e a resignação de quase todos os habitantes da península de Armor.

A piedade é para o Bretão o laço que sustém o elo da cadeia das vidas. O envoltório carnal do Bretão aspira os eflúvios nutricionais transmitidos pelo solo. Se na sua consciência ele conserva sempre o misticismo e a confiança na força divina ele experimenta uma espécie de gozo em absorver a atmosfera que se liberta do solo da sua Bretanha. Este fenômeno dar-lhe-á o equilíbrio forçando-o instintivamente a permanecer neste solo. A natureza da sua terra-mãe assemelha-se aos braços de uma mãe terna, cujo coração é representado pela fé mística transmitida pelos raios do espaço.

Em resumo, o amor do sobrenatural e o amor do solo natal são os dois principais fatores que constituem a raça bretã. Neste meio no solo ardente e misterioso, rodeado pelo mar, o habitante adquirirá as qualidades superiores do ponto de vista da sensibilidade mística.

A raça bretã é ao mesmo tempo sensível e robusta. A sensibilidade vibratória brotou-lhe do espírito e é do seu solo que lhe vêm um ardor e um misto de selvajaria que se refletirão no seu temperamento.

A natureza harmônica cultiva na sua imaginação o culto da lenda, o dos antigos ritos e, apesar das existências sucessivas e das deformações inerentes à civilização, quando chega a morte, o desencarnado bretão transporta consigo os mesmos estigmas impressos há séculos.

A marca do celtismo ficou impressa na raça bretã, como já o disse, por capilaridade através do solo e, através das migrações humanas, a chama céltica é, e permanecerá um dos focos que anima e ilumina toda a França.

ALLAN KARDEC.
9 de julho de 1926.

Nº 9. - VARIEDADE DAS RAÇAS HUMANAS.

Os Celtas foram os primeiros pais da espiritualidade. São as palavras de um dos grandes dignitários da Igreja, Léon XIII, que teve ocasião de encontrar no espaço e que comunicou este pensamento; dou muita importância a esta palavra, ela prova que a visão do espaço é mais clara que a da terra.

A respeito das pretensas origens orientais dos Celtas, certos historiadores enganaram-se. Disse-vos que um raio fluídico tinha atingido o Ocidente na vizinhança da Bretanha, quando da formação da terra, raio que transmite os elementos necessários da vida universal. Mais do que um raio semelhante atinge o vosso planeta.

Muitas destas correntes tinham fundamentos distintos embora a velocidade das vibrações fosse a mesma. Observem que, se do lado ocidental *tem ele* a bela luz espiritual céltica, não podemos deixar de constatar que no Oriente, e mesmo no Extremo-Oriente, existe um misticismo muito elevado que pode assemelhar-se nos Japoneses, por exemplo, a certas crenças célticas.

Do ponto de vista da raça há elementos terrestres que estão unidos aos da Bretanha. Consequentemente trata-se de um duplo fenômeno de radiações, os seres humanos, igualmente tocados pelas radiações do espaço e pelas do seu solo natal, podem apresentar as mesmas características, em graus diferentes dos de outras raças. É por isso que existem entre o camponês bretão e o camponês do Sul da Rússia, na Ucrânia, por exemplo, características análogas. Veneração da natureza, fixação ao solo, confiança nativa no sobrenatural. Não há pois nada de surpreendente no fato de certos escritores, que não conhecem os fenômenos da vida magnética e extraterrestre, tendo reparado simplesmente nestas analogias, tenham sido levados a reunir muitas raças num tipo único.

Mas pode acontecer que entre dois raios elevados haja o nascimento de seres quase selvagens ou rudimentarmente organizados. Tendes disso uma prova pela presença de raças selvagens, como os Hunos fixados na Hungria; mais ao norte, os povos germânicos, no início estas povoações encontravam-se colocadas a igual distância do raio celta e do raio oriental. Cada raça evoluída encontra-se sob a ação do raio regenerador, seguidamente estende-se em ondas humanas em redor deste raio até que este encontra as ondas vindas de um outro raio. E isso explica as diferenças de raças, porque o raio céltico (cito-o porque está mais perto de vocês) sendo de uma ordem espiritual muito elevada, e o raio oriental sendo-o igualmente, está longe deles, outros raios, tendo uma outra característica, cuja luminosidade é rica em número de cores e cujas vibrações são mais rudes. Estes raios representam a coragem brutal, a força dominadora, tendes disso o testemunho nos Germânicos e nos Húngaros. Daí os choques entre as correntes e consequentemente as lutas de raça. Estas correntes existem sempre, mas transformam-se no decurso dos séculos, dão aos humanos o alimento e a assimilação do pensamento de acordo com o seu grau de evolução e a natureza do seu solo. Certamente os seres humanos colocados entre dois raios superiores podem chegar, quer individualmente, quer em grupo a afirmar-se, e a assimilar mais elementos vibratórios superiores do que no início. É uma questão de consciência no sentido absoluto da palavra e também de elevação pessoal. A natureza dos raios evoluiu muito desde os inícios da vida autônoma do vosso planeta. Os grandes raios espirituais elevados não têm mais a força regeneradora de então e do mesmo modo os raios primários menos espiritualizados transformaram-se; daí as flutuações em cada raça. Encontrais em cada povo eras

de elevação espiritual alternando com períodos de ações materiais. É a lei do trabalho absoluto e sem constrangimento.

A França atualmente parece-nos, do espaço, sempre envolvida por raios vindos das esferas muito elevadas, mas que parecem encobertos por uma espécie de vapor originário das emanções terrestres materiais. É por isso que tendes, atualmente, no vosso país, choques que não se produziam nos Celtas que se impregnavam e retiravam as suas diretivas das próprias fontes da natureza. Os dois grandes raios, dos quais falei, continuam a enviar os seus fluidos vitais que devem conservar nas consciências humanas a crença no invisível, na sobrevivência e também na força divina criadora da vida maior.

Na Inglaterra, existe uma dupla corrente que nos indica sempre a proximidade do raio que gerou o celtismo.

1º Confiança da sociedade cultivada na existência do ser invisível; 2º misticismo na classe popular. Os seres refratários a esta dupla corrente permanecem ligados aos gozos materiais e rejeitam a doutrina superior.

Tenho encontrado ultimamente na Inglaterra famílias que possuem ainda uma fé sincera e profunda na bondade divina, aceitando a sobrevivência superior e rezando no silêncio da natureza. Esta família mantinha ainda vivaz a chama céltica, não maculada pelas gerações. Fiquei vivamente impressionado pelos Espíritos vindos junto destas pessoas para preservar a chama da sua consciência. Na Bretanha francesa, a pequena chama existe também, mas é mais vacilante, porque o ambiente das radiações vizinhas muda o seu movimento para o azul. No Centro da França subsistem nos vossos camponeses parcelas da fé céltica, incrustadas no subconsciente; revelam-se em certos sujeitos por uma expressão de candura e de sinceridade na oração, único elemento que permaneceu das radiações célticas. Nas vossas cidades este elemento desapareceu devido à influência materialista.

O raio celta e o raio oriental não são os únicos raios elevados que devem transmitir a alta espiritualidade aos humanos. Há um muito belo raio na Escandinávia, um outro no Egito, vindo do golfo Pérsico, e que se prolonga do Norte de África até ao Atlântico. Os raios celtas, escandinavos e orientais são os mais puros. O raio celta é mais etéreo, mas o raio escandinavo possui mais cor. O raio oriental é simultaneamente composto pela cor azulada celta e pelo sol de ouro que representa a força na crença mística.

Os vossos filósofos, os vossos historiadores foram influenciados pelas analogias que existem entre as influências das diversas correntes e colocaram o berço dos Celtas em diferentes pontos.

ALLAN KARDEC.

Nº 10. - O RAIO Céltico. (Sequência.)

O raio céltico, do qual vos falei, conservou-se através das eras na vossa consciência francesa sob a forma do amor ao solo. Os Druidas possuíam num alto grau esta radiação que fazia deles polos magnéticos que, por refração podiam

transmitir aos seres circundantes a chama mística e superior que tivessem recebido. O seu poder sobre as massas ignorantes foi grande. Num dado momento, por intuição, um certo número de Druidas recebeu a missão de avançar nas terras. Munidos de poderes ocultos impressionaram os bárbaros e transmitiram o seu magnetismo pelo seu encantamento sob a forma do culto, e, conseqüentemente, a cobertura fluídica expandiu-se mais na Gália.

A passagem dos Druidas é incontestável no Centro da França e em Lorraine. Pode-se dizer que o celtismo é o foco radiante donde saiu a raça nacional gaulesa. Sob a ação dos ritos célticos o homem impregnou-se de misticismo, o seu corpo ficou mais flexível e pôde receber certas vibrações do espaço. Estas vibrações não puderam desenvolver-se gradualmente, porque as gerações não possuíam todas as qualidades de absorção necessária à assimilação dos fluidos.

As vibrações primárias célticas ficaram impressas nas almas. Adormecidas durante a vida de uns despertando nos descendentes de acordo com as suas aptidões.

É por isso que podeis constatar na vossa história impulsos ou retrocessos traduzindo-se na ascensão para o ideal ou na descida para a matéria.

Seres chegados ao mesmo grau de evolução tendo armazenado este mesmo número de vibrações célticas não o exteriorizaram no mesmo momento, nos mesmos lugares. Um Bretão tendo recebido diretamente dos Druidas, no país natal, a faísca céltica transmiti-la-á às suas crianças que a conservarão em estado de ignição até ao momento em que ela se reacenderá sob a forma duma chama insuspeita.

Este momento aproxima-se. Em breve ireis constatar um movimento de espiritualidade constante e duradouro. Deus tem projetos para a terra. Pressentimos grandes coisas, porque o espiritual deve fazer evoluir a humanidade.

ALLAN KARDEC.
23 de julho de 1926.

Nº 11. - MÉTODO DE COMUNICAÇÃO ENTRE ESPÍRITOS E HUMANOS.

Desde a nossa última conversa faltou-me procurar o método mais fácil para infundir num cérebro de médium e aos seres humanos a solução dos problemas que me colocais. Entrei em contacto com Espíritos das esferas superiores que me falaram da transmigração dos seres desde a sua origem.

No espaço nós estacionamos numa esfera de média densidade e, de lá chamamos os seres superiores. Eles não vêm sempre porque o seu raio não pode ser suportado por nós, mas o seu pensamento atinge-nos como as ondas da terra atingem o ressonador telefônico.

Assim que a chamada foi ouvida e que os dois seres desencarnados entram em contacto, os pensamentos trocam-se sob a forma de cores transmitidas pelas vibrações. Mas, quando pedimos soluções para problemas de uma elevação superior à compreensão dos humanos, nós, desencarnados, assemelhamo-nos aos encarnados correspondendo ao último plano da sua evolução terrestre.

Na terra, tomai dois indivíduos de inteligência e de compreensão diferentes e abordai uma questão desconhecida deles. Ela será compreendida imediatamente por um e não pelo outro e um esforço de adaptação tornar-se-á necessário. Acontece de igual modo no espaço. Por isso eu resolvi o problema da vida psíquica do ponto de vista das reencarnações, a correlação entre a vida humana planetária e a vida dos encarnados.

Mas, o que vós pedis, é a maior precisão possível sobre a molécula primária, ou seja, o ponto inicial da vida. Agora é necessário que eu conduza a vós o raio superior que ensina o mistério. Quando este raio chegar até vós terei a possibilidade de vos informar.

Os mistérios da criação não podem ser revelados a toda a criatura humana. Por isso os seres devem colocar-se em disposições especiais afim de que as suas vibrações sintonizem com as vibrações superiores.

Será necessário reuni-vos numa câmara fechada, as portadas fechadas. Tomar as instruções à luz de uma lâmpada protegida por um quebra-luz. Antes da sessão banhareis a fronte do médium com o algodão embebido de um pouco de água fresca. Penetrando no médium eu magnetizarei a camada de água e isso servirá de fluído amortecedor.

Receberei então do espaço as vibrações que me farão compreender os problemas. Prometi-vos uma ajuda séria do espaço, tereis a documentação que desejais, se reunirdes os meios para isso. Dado que haveis consagrado a vossa vida à divulgação de uma crença tal como eu mesmo o fiz, tornastes-vos o meu colaborador na terra. Dou-vos toda a minha personalidade fluídica para obter a chave de um problema misterioso. Mas, para isso, é necessário que os raios das grandes esferas vos venham tocar diretamente.

A humanidade não deve transgredir do ponto de vista evolutivo as regras colocadas como bases da vida universal. Para compreender a mínima parte desta vida universal é preciso desenvolver a sua vontade, o seu desejo de ascender para o ideal, penetrar-se de um banho fluídico puro e regenerador.

Há grandes Espíritos que são incapazes de compreender donde e como vieram e para onde vão. Mesmo, se eles o compreendem no espaço, esquecê-lo-iam incorporando-se num médium e por maioria de razão ao reencarnarem na terra para uma nova vida.

Quando penso e reflito no espaço, as vibrações psíquicas de todo o meu ser podem realizar a plenitude das minhas faculdades, mas, logo que eu penetro no médium, estas vibrações diminuem e o meu poder perde muita da sua extensão. Há mundos fluídicos onde a compreensão é mais nítida do que junto de que vós. À medida que a matéria perde o seu poder, o estado psíquico torna-se mais subtil e impregna-se mais facilmente com as radiações da vida universal.

No seu período de formação, a vossa terra foi impregnada com grandes correntes das quais vos falei, e, se os Celtas e os Druidas captaram as vibrações diretas, é porque o vosso planeta estava ainda todo envolvido por vibrações providas de uma ação superior que se foi se atenuando no decorrer dos tempos.

ALLAN KARDEC.
3 de setembro de 1926.

Nº 12. - ORIGEM E EVOLUÇÃO DA VIDA UNIVERSAL.

Pedistes esclarecimentos sobre certos pontos obscuros da doutrina Druídica. Neste aspecto pus-me em contacto com as esferas elevadas afim de obter alguns indícios sobre o foco superior regenerador da vida e do amor. Três círculos, vós o sabeis, formam as bases da doutrina Céltica por consequência o mais elevado corresponde ao foco divino.

Das explicações fornecidas pelos Espíritos superiores resulta que a inteligência humana não deve conhecer o segredo da fonte suprema da vida. Eis o que vos posso dizer segundo as radiações que me chegam. Existe para além dos planos formados pelas criaturas, de acordo com a sua evolução através da sua vida pura, uma esfera totalmente vibratória, sem limites, que mergulha na imensidade do universo, mas que não é sentida senão a partir de certa evolução. Esta esfera vibra e a criatura terrestre que a alcançou percebe-a ainda sob a forma de vibrações da consciência no seu eu interior.

As vibrações do grande foco estão em comunhão com a consciência, e, assim que esta está desenvolvida, o sentido místico também o está igualmente. Ele está em relação direta com a evolução da consciência.

O grande foco vibratório anima todo o universo e de grau em grau cada ser recebe as inspirações e as impressões diretas da fonte à qual chamais Deus sobre a terra.

Tereis um dia a definição exata da palavra Eterna e compreendereis a célula viva inicial deste grande círculo superior vibratório. Mas o vosso cérebro humano explodiria se a chave do mistério aí fosse introduzida. Agora eis o cerne da questão e a admissão do grande círculo superior em que reside o poder criador. As moléculas que daí emanam espalham-se através do espaço como um ramo de fogo de artifício. Espalham-se em ondas que vão formar as centelhas criadoras dos seres. Em redor destas moléculas fundamentais circulam as vibrações que vão formar os focos que representam os mundos. E tudo isto é constantemente recriado.

Todo o sistema criado tem a sua vida própria e subdivide-se ele próprio num sistema específico. Os planetas têm a sua vida, as suas transformações. Os sóis emitem ondas à sua volta. O sistema gasoso forma-se primeiro, seguidamente o

mineral, o vegetal, para chegar à criatura humana. Esta, ser pensante, é dirigida pela centelha vinda da grande fonte enquanto que os sistemas minerais e vegetais são criados pelos reflexos de geração secundária.

Tal é a evolução da matéria terminando no envoltório carnal, ao qual se adaptará a vibração inicial da consciência em conexão direta com a centelha suprema. É assim que a projeção se estabelece.

As vibrações do grande todo não são especiais a uma região como se crê geralmente, mas preenchem todas as regiões do universo. Elas não são perceptíveis para os seres senão na medida do crescimento da sua sensibilidade. As religiões, nas suas concepções de Paraíso e de regiões celestes, apresentam apenas pálidas imagens, enquanto que de certeza as vibrações do pensamento divino animam todo o universo.

Os Espíritos não estão todos em condições de penetrar no azul vibratório porque é necessário um grau suficiente de aperfeiçoamento para perceber e apreciar a beleza e a grandeza da vida superior. Cada sistema planetário tem o seu grau de elevação e, chega um momento em que os seres evoluídos, vivendo nos planetas em vias de progresso, são mergulhados mais diretamente no azul. Os Espíritos comuns roçam os Espíritos luminosos sem os ver; mas em certas condições os Espíritos superiores podem tornar-se visíveis afim de iluminar os Espíritos menos evoluídos.

Assim que o espírito em vias de evolução pode, pelos seus méritos, entrar em contacto com o mundo superior e receber a luz vibratória da fonte suprema, ele recebe uma impressão de força, de poder, e tão depressa o impulso cessa, permanece com a percepção da luz que se junta ao seu grau de evolução. Esta luz traduz-se em milhões de centelhas vibratórias, dotadas de uma radiação intraduzível aos sentidos humanos e que enriquecem o seu *perispírito*.

*

* *

Regressemos à molécula vibratória procedente do círculo de Ceugant, criadora de vida. Ela é toda pureza e luz, é a fonte das criações inferiores, a animadora das vidas sucessivas, são esses os elementos que constituem a vida superior.

Os Druidas foram colocados no vosso globo para aí levarem quanta luz fosse possível deste plano superior que refletia a sua consciência. Nos primeiros tempos a iniciação foi direta dado que a referida consciência era pura.

Esta palavra consciência significa para nós, centro vibratório ainda não maculado e podendo comunicar com o plano divino. É por isso que, no estudo de vossos semelhantes, ainda que os seus atos vos pareçam repreensíveis, se a sua consciência não está destruída, permanece neles um pequeno centro vibratório susceptível de reabilitação.

No início da sua religião, os Druidas gozaram dos benefícios duma comunhão vibratória muito intensa, o que lhes valia o título de Iniciados. Mas, ao contacto da matéria, por refração, os ensinamentos druídicos foram deformados pelos homens.

As consciências obscureceram-se e as intuições encobriram-se, as iniciações fecharam-se.

Por conseguinte, em graus diversos, a consciência humana está muito impregnada do divino. Conservará ela este patrimônio? Ao desencarnar, a alma humana coloca-se na luz que ela pode assimilar, consoante o seu grau de recepção e de conservação das vibrações divinas.

Se, na sequência de uma vida terrestre, a molécula divina é paralisada pela matéria, a progressão é suspensa, a lembrança das paixões materiais perturba a consciência e transporta uma espécie de entorpecimento do ser espiritual. É o que os Druidas chamavam o *princípio de destruição*, dado que a evolução parou.

Para que a evolução retome o seu curso, é necessário que os Espíritos luminosos dissolvam esta espécie de casca passional fluidica para reavivar a centelha consciente, e, o ser espiritual reanimado, retomará a sua marcha através das suas existências. Numerosos são os espíritos desencarnados que se encontram estacionados na sua evolução.

Assim como a luz perde a sua chama logo que é coberta com cinza, a consciência espiritual retorna ao nada quando está demasiado carregada de matéria, está não sendo do ponto de vista vital mais do que o apoio da essência espiritual.

Sabeis que esta matéria é produzida pela velocidade[D1]mais ou menos grande das vibrações entre as diferentes camadas de ondas que emanam de um ponto vibratório. Logo que emanam deste ponto ondas espirituais para a formação de um mundo que deverá conter centelhas conscientes, é necessário como consequência, que as moléculas vibratórias mais pesadas, se transformem em matéria.

No decurso da evolução, chega um momento em que a molécula material se refina suficientemente para tornar-se por sua vez uma molécula vital consciente, e isso produz-se quando esta matéria se liberta de um mundo inferior para voltar ao espaço, unir-se às moléculas vitais de luz. Os Druidas tinham disso a intuição dada que dedicaram um culto a certos objetos materiais.

Terminarei dizendo que a centelha vital consciente, uma vez lançada na imensa arena, deve percorrer um ciclo de existências sucessivas através de mundos e de espaços variados porque, tudo o que muda de forma, muda de meio. A marcha da sua evolução está em relação direta com a conservação e o desenvolvimento da molécula vital consciente. Assim que esta forneceu um certo número de etapas num sistema planetário, ela refina-se e continua a subir na escala dos mundos em paralelo com as outras centelhas vitais conscientes.

Há pois duas criações paralelas. A criação da centelha vital consciente, dos mundos.

ALLAN KARDEC.
15 de outubro de 1926.

Nº 13. FORÇAS RADIANTES DO ESPAÇO; O CAMPO MAGNÉTICO VIBRATÓRIO.

A propósito de uma questão a respeito de um artigo do jornal *Matin* (3 de outubro de 1926) anunciando a descoberta de certas radiações do espaço.

Esta descoberta ou experiência é apenas uma orientação, porque deveis, do ponto de vista psíquico, receber os ensinamentos gradualmente a fim de não ficardes perturbados.

Já os Druidas conheciam estas ondas. No meio da natureza as paixões materiais não exerciam uma influência parasitária.

O Druida era iniciado com vista a deixar à história futura documentos que se aproximariam um dia das doutrinas científicas. Podiam assim servir para a elaboração de fórmulas, constituindo no seu conjunto, um ensino superior idealista (alusão às Tríades).

O Druida recebia intuitivamente eflúvios vindos de seres e de origens superiores, e isso através das ondas. Mas seriam necessários séculos para que o ser humano, pelo seu trabalho pessoal, pela sua adaptação científica, pudesse assimilar todas as consequências de fenômenos que não teriam podido ser admitidos na época druídica. Era necessário, entretanto que a doutrina pura fosse registrada pelo ser humano vivendo nessa época no meio da natureza, e conservada através das eras, afim de que, num certo momento, comparando a doutrina idéo-céltica e a doutrina idéo-científica moderna encontrássemos entre elas uma ligação imperecível.

Cedo veremos produzirem-se fenômenos extremamente curiosos para os não-iniciados e fascinantes para os iniciados. Se os diferentes ciclos da doutrina Céltica representam diferentes escalões na ascensão da vida espiritual, a descoberta das diversas espécies de ondas concretizar-vos-á a composição dos diferentes meios e chegará um dia em que recebereis, por uma linguagem conveniente, gamas de cores semelhantes à dos pensamentos.

Quanto mais o meio vibratório for estudado e analisado, mais tereis a possibilidade de conhecer e de captar as forças exteriores ao vosso globo.

Nós mesmos, que estamos no espaço, concebemos a marcha da vida de uma maneira muito diferente da vossa. Sabemos que as vibrações vos são transmitidas, que o vosso ser humano as recebe, armazena algumas, mas que os vossos sentidos específicos são demasiado inferiores para permitir-vos exteriorizá-las. O campo magnético vibratório vai revelar-se vos pouco a pouco. Não é necessário que procureis apreender a chave do problema de só um golpe, porque o vosso cérebro físico desagregar-se-ia. O Druida, imunizado até certo ponto, estava em relação quase direta com as forças superiores que, nessa época, tinham um afluxo maior do que nos tempos modernos. Era preciso que nesse momento a vida fosse simples, rústica e que a base espiritual se estabelecesse firmemente afim de que gradualmente a arte e a ciência viessem ajudar-vos a desenvolver a matriz que vos mostra alguns lados da organização universal.

A ciência não podia existir sem que a centelha geradora tombasse do alto já que todo o problema artístico ou científico, tem como base uma parte de intuição, sendo esta última de ordem divina.

O Druida respirou a atmosfera pura no meio da floresta, o cimo das árvores atraía as camadas vibratórias que cercavam e cercam o vosso planeta. Em frente da floresta, havia o mar que servia de condutor ao outro polo magnético, ou seja do ponto de vista psíquico para reforçar e estabilizar o conjunto. Era necessário por outro lado que a grande massa fluidica encontrasse o seu equilíbrio sobre a terra e sobre as águas.

O Druida, quando olhava o mar, era por sua vez banhado pelas ondas vindas da floresta e refletindo como um espelho sobre a toalha líquida. É assim que a intuição lhe veio da existência dos ciclos que conheceis. Resumindo, sabeis que a onda é uma sucessão de círculos do ponto de vista vibratório.

Ser-vos-á dito um dia porque razão o Druida tinha esta intuição e porque na obra divina ela não se concretizou senão vários milhares de anos mais tarde. Poderéis observar que o movimento céltico por um lado, os movimentos cristãos e budista-índu por outro surgiram em países ao mesmo tempo montanhosos, arborizados e vizinhos do mar.

Se o Druida amava a floresta, o Cristo amava a colina. Por isso, podeis de aí deduzir o fenómeno científico real de que a onda se presta melhor à captação num meio elevado que nos baixios, e, que a vizinhança do mar ajuda fortemente à sensação das camadas vibratórias. A água capta o pensamento e depois transmite-o, é necessária à fecundação da terra, é um fato que considerais do ponto de vista material e nós, do ponto de vista espiritual.

As forças vindas dos espaços são absorvidas pela vossa terra graças aos lençóis de água, a à vegetação luxuriante, as montanhas, as colinas, as planícies e cada ser humano pode ser impressionado por estas ondas. Haveis tido disso o testemunho estudando de perto a doutrina céltica. Falei-vos dos raios que vieram banhar a charneca e a floresta bretã, raios, toalhas de ondas que igualmente se espalharam sobre diferentes partes da vossa terra. Mas devo acrescentar que a vossa raça francesa deve em grande parte a sua orientação às camadas de ondas recebidas no oeste do vosso país.

O Druida pelos seus encantamentos, pela forma do seu culto atraía as forças invisíveis e sentia os seus efeitos sob a forma de toques fluidicos. Hoje, está sensibilidade desapareceu para a maioria dos humanos. É necessário encontrar-se, em condições especiais para poder, como o Druida, sentir o afluxo exterior.

Podeis dizer que a palavra Celtismo representa, para o homem moderno, a forma concreta de uma doutrina tendo por base a assimilação, a concentração, o desenvolvimento e a erupção de forças, formando parte integral do movimento cósmico.

Vivi nessa época e posso afirmar-vos que nos tempos druídicos o ser humano sentia esta força radiante que na sequência dos séculos foi preciso adaptar cientificamente – só possuo esta palavra - ao seu envoltório carnal. Podia assim aprender a ler, a analisar e a dissociar as partes impalpáveis e vibratórias

susceptíveis de dar-lhe alguns esclarecimentos sobre o mistério da criação. O Druida, pela sua iniciação era capaz de compreender o papel das camadas de ondas, mas, tinha em redor dele uma massa humana primitiva muito pouco evoluída para perceber a sua ação. De acordo com a vontade superior convinha nessa época depositar uma centelha que, nos Druidas, se traduzia pela compreensão da evolução universal. E gravando-se inicialmente e com profundidade a majestade desta evolução, a essência da doutrina permaneceria latente através dos séculos. Esse era o objetivo do Druidismo que devia ser o detentor do conhecimento das forças superiores.

Restava propagar, por entre o maior número possível de humanos, a autenticidade desta revelação. Dois fatores ajudaram à sua difusão: a teoria das existências sucessivas e as perturbações materiais e morais que se repartem através da vida dos seres e dos mundos.

Atualmente, haveis visto no decurso da história as paixões nascerem, crescerem e diminuírem consoante as alternativas de progressão e de regressão e através dela o ser humano elevar-se do estado selvagem ao estado atual.

As artes floresceram, mas o seu desenvolvimento foi obstruído pela atrocidade das guerras. Resumidamente, após os inúmeros fluxos e refluxos conseguis hoje fazer penetrar em certos cérebros a ideia de que a natureza e o ser humano são campos de observação magnética que, em certas condições, vibram e comandam no sentido em que são as máquinas estáticas da ordem universal.

O homem moderno evoluído retirará as suas conclusões partindo da ação das forças superiores e tornar-se-á comparável à antena das vossas telegrafias sem fios. Não está longe o dia em que ficareis convencidos de que o infinito é o próprio Deus e de que a vida universal circula por toda a parte, sendo os espaços unicamente campos vibratórios radiantes.

ALLAN KARDEC.
29 de Outubro de 1926.

Nº 14. - O CELTISMO E A NATUREZA. A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO.

O Celtismo é o símbolo de um pensamento emanado do infinito e transmitido por correntes oriundas das artérias da vida universal. É uma das formas evolutivas da vida vibratória do espaço. As árvores ajudaram enormemente à aspiração destas vibrações. O solo e as plantas que aí se encontram trabalharam no mesmo sentido.

O ser humano irá também aspirar-lhe estas vibrações? O Druida vivendo no meio da natureza, adaptando-se, pelas suas aspirações, à vida do espaço, é um dos primeiros seres que registrou as vibrações sob a forma de intuições. Mas o Druida era um ser ligeiramente especial, animado de uma fé ardente. Afastava-se em larga medida da vida material, ambiental. Era um ser evoluído mas os seres rudimentares

vivendo à sua volta precisarão de séculos antes de ser capazes de aspirar as ondas do espaço.

Percorrendo a história, podereis constatar que as flutuações morais alternaram com as flutuações materiais. Assim como os Druidas tinham em consideração o fluxo e o refluxo do mar, as civilizações humanas inspiram-se do fluxo e do refluxo do pensamento.

Pela lei das reencarnações as hordas humanas não estão no mesmo estágio evolutivo, por isso não aspiram a um mesmo nível as ondas do espaço.

Houve por isso retrocessos desde os Druidas. Foi necessário vigiar o ser humano, infundindo-lhe primeiramente o Cristianismo em seguida o culto da beleza pelas Artes e pelas Letras. Enfim, o ponto de vista científico desenvolveu-se e o Celtismo e a ciência vão fatalmente conseguir reunir-se.

A doutrina céltica, na sua pureza e na sua beleza, é como a essência do ensino inspirado pela fé na vida superior. Através da história o ser humano foi tocado em diferentes épocas, por inspirações geniais e, se aproximardes do ensinamento do Druida a recepção intuitiva de pensamentos superiores mais ou menos modernos, podereis encontrar aí uma correlação.

Fazendo caminhar a par a civilização humana e a elevação do pensamento, tomando como ponto de partida o ponto de vista céltico, vereis que em todos os grandes momentos da história, a centelha mais ou menos genial da vossa raça se alimentou nas fontes puras do Celtismo. Mas, com o fluxo e o refluxo do pensamento, esta centelha foi encoberta em diferentes momentos pela falta de homogeneidade dos seres que vivem em certas épocas. Há uma lei que quer que a progressão na encarnação não seja sempre constante. Mas na criação de um mundo há sempre elementos imperecíveis emanados da vida universal.

Os primeiros Druidas inculcaram nas populações uma fé bastante viva através de exemplos retirados da natureza, mas, num dado momento, a fé obscureceu-se e foi contestada. A sua forma alterou-se ao longo das épocas, mas, se analisardes todas as religiões, aí encontrareis sempre a essência do divino que anima incontestavelmente a pura doutrina céltica.

A partir daí, o Celtismo reconhece a existência de uma fonte superior que influenciará em condições racionais o ser humano habitando o vosso globo. Como o Druida foi tocado pelas ondas do espaço, a fé, sob múltiplas formas, tocou os indivíduos através das épocas e agora, a fé e a ciência devem encontrar-se.

Agora posso dizer-vos que o ser humano, após um certo número de encarnações, e assim que possui uma sensibilidade constante e equilibrada, recebe diretamente os pensamentos transmitidos por ondas do espaço e completando o seu livre arbítrio, mas é preciso que ele tenha atingido um desenvolvimento superior para receber estas vibrações. Ele deve desembaraçar-se das emanções materiais que se libertarão do seu ser e paralisam a marcha do fenômeno de recepção. Se o Druida recebia quase diretamente as intuições, é porque ele as retirava das próprias fontes da natureza.

Era por destinação um iniciado. Através das épocas estes iniciados reencontraram-se. Poderíamos chamá-los os Neo-druidas. Não avanço demasiado

dizendo-vos que nos anos que se vai seguir, se a fé ardente não penetra em certos indivíduos, pelo menos registrareis com a ajuda do vosso trabalho científico, fenômenos surpreendentes. Atualizareis a marcha ascendente e descendente dos rastos de ondas extraplanetárias.

Os Druidas ensinaram a existência destas forças desconhecidas. As vibrações de amor para a fonte divina, a figuração da natureza sempre animada foram os primeiros indícios de que tudo no universo é regido pelas leis superiores. As vibrações harmônicas mantêm a vida e fazem derramar através dos seus elos a luz que iluminará o mistério da vida superior e divina.

A doutrina materialista baseada unicamente na ciência naufragará. A doutrina espiritualista baseada na fé e na experiência deve ajudar à iniciação progressiva. É preciso que a inspiração gradual dada pela fé espiritualista caminhe em conjunto com a ciência. A ciência é o farol e a fé é a luz que o ilumina.

ALLAN KARDEC.

26 de novembro de 1926.

ALLAN KARDEC VOL III

ZÉUS WANTUIL e FRANCISCO THIESEN



Madame ALLAN KARDEC

(Da "Revue Spirite", 1875 — janeiro —, p. 16-bis. Uma das fotos (51) que deram margem ao célebre Processo dos Espíritos)

Querida esposa: Protegi nosso médium Buguet: falsos espíritos o embarçam neste momento. Ele só é verdadeiro, e especialmente fará se desenvolva nossa doutrina. Leymarie deve ajudá-lo. Estou com todos vós. Coragem e adeus. 14 de novembro de 1874.

Allan Kardec

XXV – Comunicação do Espírito de Allan Kardec, no Grupo Ismael, dia 14-6-1979

“Meus nobres e respeitáveis amigos.

Como discípulo fiel, mas tão precário quanto me impôs ser a condição humana, realizei o melhor que pude o trabalho que o Mestre me confiou. De regresso ao mundo espiritual, constatei que somente o essencial foi concluído. Antes, porém, que me pudesse abespinhar por isso, o Divino Amigo me fez sentir, na generosidade da sua sabedoria, que a semente lançada à terra era boa e daria

os frutos desejados, no tempo certo e de acordo com o programa superior, traçado nas Alturas. Cobia-me aceitar que ao trabalhador basta o seu trabalho; compreender que o tempo deve exercer, em tudo, a sua quota de ação; perceber que era indispensável aguardar que se cumprissem, através das idades e dos acontecimentos, todos os itens previstos pela sábia visão do Supremo Governador dos destinos de nosso planeta e de nossa Humanidade.

Não precisei angustiar-me, portanto, com as ocorrências que fizeram a história dos primeiros tempos de nossa Doutrina, na face do orbe, pois acompanhei, na posição do operário sempre em serviço, o transplante da árvore do Consolador para as plagas do Brasil e os esforços apostolares aqui desenvolvidos para assegurar-lhe a sobrevivência e o desenvolvimento.

Chegado o tempo de mais efetiva disseminação da Mensagem Espírita no mundo, era necessário, porém, que tudo fosse revisto e consolidado; aplainadas, com todo o cuidado, arestas e asperezas; corrigidas algumas omissões, podados certos excessos de interveniência humana; esclarecidas determinadas dúvidas de interpretação.

Fácil é de entender-se este imperativo, desde que se tenha em vista que se trata agora de nova e verdadeira entrega do paraclito a todos os povos da Terra.

Dado que entendestes, com a vossa lucidez espiritual e o vosso devotamento, essa requisição do Cristo que nos dirige, devo agora agradecer o vosso empenho e o vosso devotamento, assegurando-vos que tudo está pronto para terão de ser empreendidos, para que a luz alcance e clareie todos os vales e todos os planaltos do orbe.

O trabalho do Senhor a ninguém pertence, mas é de todos os que atendem ao seu chamado, para a cooperação humilde e desinteressada, sincera e eficaz.

Nada, realmente, se constrói sem trabalho, sem solidariedade e sem tolerância, sem Deus, sem Cristo e sem Caridade.

Que, pois, o Amor e o espírito de serviço sejam vossos conselheiros permanentes em todas as situações, certos de que o Espiritismo é Jesus de volta, para consolo e redenção de todos os seres humanos.

ALLAN KARDEC”

Diário dos Invisíveis

Zilda Gama

COMMUNICAÇÃO DE ALLAN KARDEC

*Comunicação de Allan Kardec em 30 de Março de 1924, confiada á —
“La Revue Spirite” — pelos ANNAES DO ESPIRITISMO DE Rocheford-
Sur-Mer (França). N.º de julho de 1924.*

“Outrora os espiritas podiam ser contados nos dedos. Escarneciam e praguejavam contra aqueles que se interessavam por essa Ciência; esses tais eram tidos por malucos e evitados com cautela; mas, hoje, vai-se fazendo luz intensa sobre o Espiritismo, porque os sábios o explicam e procuram a realidade dos factos. Eu não disse na minha vida terrestre, que o Espiritismo havia de ser científico ou morreria?

E a ciência vae pouco a pouco homologando os fenômenos espiritas.

Para muita gente, nós o sabemos, esses fenômenos continuam ainda incompreensíveis, porque não se pode explicar e analisar a força que os produz, mas dia virá em que os sábios a descobrirão e provarão que, se a matéria compõe nosso corpo, existe também no ser humano uma cousa mais subtil que anima esse corpo: uma alma imortal!

Com grande alegria vejo um raio luminoso aclarando alguns sábios que tendo a principio repellido os factos com desdém, observando-os depois com atenção, vão reconhecendo a sua realidade.

Direi, portanto, aos que ainda não compreendem o Espiritismo: estuda, observa, mas não o aceiteis senão com a vossa razão e com a ciência; é por atenção acurada na observação dos fenômenos que se chega a concluir: *Cela, est!*

Aqueles que nos factos espiritas só vêm ilusão e credices da parte dos Médiuns que nós animamos, estão em erro, podem também estar de má fé.

Se há médiuns mais preocupados de seus interesses que da verdade, também os há, e em maior número, que são sinceros e desinteressados e são na realidade uma força física poderosa, capaz de ajudar os Espíritos a produzir fenômenos; esses são para nós preciosos auxiliares que nos permitirão atingir o Triumpho de nossa obra de Luz.

Que Deus abençoe esse trabalho dos Espíritos, que vae crescendo de dia para dia neste planeta, para maior bem da humanidade. Quanto a mim, a minha missão espiritual está cumprida em parte, e dentro de alguns anos tornarei a reencarnar-me entre vós, amigos; e muitas pessoas jovens, que aqui se acham presentes, poderão reconhecer-me então pela minha obra de Espiritismo.

Essa missão terrestre eu a aceitarei com jubilo por amor de meus irmãos da Terra; e para bem a desempenhar meu espirito está se instruindo, está se iluminando nestas maravilhas estupendas e sem limites, onde há tanto que observar.

Eu estou ali haurindo poderosas forças espirituais para voltar ao serviço do progresso da humanidade terrestre, para afirmar a meus irmãos a realidade e a beleza desta vida do espirito no Espaço.

Sim, eu voltarei para trabalhar neste planeta onde lutei e sofri, mas estarei com o espirito mais forte, mais generoso, mais elevado, para ali fazer reinar mais fraternidade, mais justiça, mais paz”.

Tradução de Porphyrio Ramos, de Rio Novo, a 27 — 9 — 1924. (Minas Geraes).

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações,

de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.